



REFUGIADOS COMEÇAM VIDA NOVA NOS ESTADOS UNIDOS

DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS EUA / BUREAU DE PROGRAMAS DE INFORMAÇÕES INTERNACIONAIS



DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS EUA

VOLUME 15 / NÚMERO 7

<http://www.america.gov/publications/ejournalusa.html>

Programas de Informações Internacionais:

Coordenador	Dawn L. McCall
Editor executivo	Jonathan Margolis
Diretor de Publicações	Michael Jay Friedman

Diretora editorial	Mary T. Chunko
Editora-gerente	Nadia Shairzay
Gerente de Produção	Janine Perry
Designer	Chloe D. Ellis

Editora de Fotografia	Maggie Johnson Sliker
Projeto da capa	Min-Chih Yao
Especialista em referências	Anita N. Green

Revisora do português	Marília Araújo
-----------------------	----------------

Capa: A família Espinosa, de Cuba, em sua nova casa em Nova York
Cortesia: Jay Capers

O Bureau de Programas de Informações Internacionais do Departamento de Estado dos EUA publica revistas eletrônicas com o título *eJournal USA*. Essas revistas analisam as principais questões enfrentadas pelos Estados Unidos e pela comunidade internacional, bem como a sociedade, os valores, o pensamento e as instituições dos EUA.

Doze revistas são publicadas anualmente em inglês, seguidas pelas versões em espanhol, francês, português e russo. Algumas também são traduzidas para o árabe, o chinês e o persa. Cada revista é catalogada por volume e por número.

As opiniões expressas nas revistas não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA. O Departamento de Estado dos EUA não assume responsabilidade pelo conteúdo nem pela continuidade do acesso aos sites da internet para os quais há links nas revistas; tal responsabilidade cabe única e exclusivamente às entidades que publicam esses sites. Os artigos, fotografias e ilustrações das revistas podem ser reproduzidos e traduzidos fora dos Estados Unidos, a menos que contenham restrições explícitas de direitos autorais, em cujo caso é necessário pedir permissão aos detentores desses direitos mencionados na publicação.

O Bureau de Programas de Informações Internacionais mantém os números atuais e os anteriores em vários formatos eletrônicos, bem como uma relação das próximas revistas em <http://www.america.gov/publications/ejournalusa.html>. Comentários são bem-vindos na Embaixada dos EUA no seu país ou nos escritórios editoriais:

Editor, *eJournal USA*
IIP/PUBJ
U.S. Department of State
2200 C Street, NW
Washington, DC 20522-0501
USA

E-mail: eJournalUSA@state.gov

Sobre Esta Edição

Esta *eJournal USA* não apenas narra vidas de desespero e luta, mas também mostra exemplos de amizade e esperança. Nesta edição:

- *um menino é separado de sua família e passa a infância tentando escapar da carnificina da Segunda Guerra Civil Sudanesa;*
- *dez pessoas de uma família cubana enfrentam perseguição por suas convicções políticas em seu país natal;*
- *uma menina foge da guerra e empreende uma jornada incerta pelo Pacífico;*
- *um homem escapa da violência étnica em Ruanda e sobrevive na rua e em um campo de refugiados durante dez anos.*

Todas essas pessoas deixaram sua terra natal e vieram para os Estados Unidos como refugiados e todas foram recebidas por patrocinadores americanos que as ajudaram a começar uma vida nova nos EUA. Em entrevistas e relatos em primeira pessoa, nossa revista conta as histórias de refugiados que estão construindo um novo lar e uma vida nova nos Estados Unidos — e dos americanos que os orientam e os ajudam.

A diversidade e a pluralidade estão entre as características que definem os Estados Unidos. Esses valores nacionais inspiram os americanos a fortalecer o tecido social do país ao acolher e ajudar a integrar os refugiados nas comunidades americanas. Os refugiados reassentados, por sua vez, enriquecem a cultura americana bem como a estrutura social, econômica e jurídica da nação.

As histórias e os artigos destas páginas explicam o compromisso do governo dos EUA em ajudar refugiados e ilustram como esse compromisso está incorporado em milhares de americanos que estendem a mão para ajudar e amparar alguns de seus mais recentes — e corajosos — moradores.



Os Estados Unidos acolhem mais da metade de todos os refugiados que são reassentados em um terceiro país, mais do que todos os países de reassentamento juntos. Aqui, a Estátua da Liberdade, na Cidade de Nova York, símbolo de esperança para muitos recém-chegados aos Estados Unidos

— Os editores

Um refugiado é alguém que:

- foi forçado a sair de sua casa;
- cruzou uma fronteira internacional em busca de segurança;
- tem receio bem fundamentado de perseguição em seu país natal por motivos de religião, raça, nacionalidade, opinião política ou por pertencer a determinado grupo social.



DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS EUA / JULHO DE 2010 / VOLUME 15 / NÚMERO 7
<http://www.america.gov/publications/ejournalusa.htm>

Refugiados Começam Vida Nova nos Estados Unidos

4 Compromisso dos Estados Unidos com os Refugiados

ERIC P. SCHWARTZ, SECRETÁRIO DE ESTADO
ADJUNTO DOS EUA PARA POPULAÇÃO, REFUGIADOS
E MIGRAÇÃO

Apoiar os cidadãos mais vulneráveis do mundo é
prioridade da política externa americana.

5 Reassentamento de Refugiados nos Estados Unidos

FONTE: BUREAU DE POPULAÇÃO, REFUGIADOS E
MIGRAÇÃO

8 Trinta Anos da Lei sobre Refugiados de 1980

DORIS MEISSNER

Esse marco da legislação abriu as portas para
milhões de pessoas conseguirem status de refugiado
ou asilo nos Estados Unidos.

ENTREVISTA

10 Sem Correr Mais para Salvar a Própria Vida: Um dos “Meninos Perdidos” do Sudão Ajuda Refugiados Recém-Chegados a se Estabelecer na Nova Pátria

ADIER DENG (SUDÃO)

RELATOS PESSOAIS

14 Afegão-Americano Ajuda Família Cubana a Obter Casa Própria e Segurança Econômica nos Estados Unidos

ROGELIO ESPINOSA (Cuba)

ALI NADIR (Rochester, Nova York)

GALERIA DE FOTOS

17 Refugiados Famosos (e Não Tão Famosos) Fazem a Diferença

Imagens de refugiados que superaram obstáculos
e alcançaram sucesso e reconhecimento em suas
novas comunidades nos EUA e em outros países.

ENTREVISTA

21 “Eles Simplesmente Têm Bom Coração”: Duas Famílias Relatam a Acolhida na Pensilvânia

FAMÍLIAS KAPITANOV E KAPITANOVA (Ásia Central)

RELATOS PESSOAIS

23 Espírito e Persistência de Veterinário Iraquiano Inspiram Voluntário Americano

MOHAMMED YOUSUF (Iraque)

ANDREW MASLOSKI (Washington, DC)

ENTREVISTA

26 **Odisséia de Dez Anos Leva Refugiado do Perigo e Desespero a Nova Vida como Cuidador Orgulhoso**

JANVIER TUYISHIME (Ruanda)

GALERIA DE FOTOS

29 **Ajudando Refugiados a Estabelecer um Lar nos Estados Unidos**

Imagens de refugiados que se estabeleceram nos Estados Unidos, receberam ajuda de vizinhos e construíram um novo lar.

RELATOS PESSOAIS

32 **Refugiado do Butão e Colegas Aprendem Inglês e Muito Mais em Visita à Cidade da Professora**

KAPIL DHUNGEL (Butão)

JOHANNA YOUNG (Concord, New Hampshire)

ENTREVISTA

36 **Ex-Criança Refugiada Agora Ajuda Promover Política Americana de Proteção a Refugiados**

HOA TRAN (Vietnã)

39 **Recursos Adicionais**

Seleção de livros, artigos, sites e filmes sobre refugiados

Compromisso dos Estados Unidos com os Refugiados

Eric P. Schwartz, secretário de Estado adjunto dos EUA para
População, Refugiados e Migração



Secretário de Estado adjunto Eric P. Schwartz

State Department

Em 17 de março de 2010, os Estados Unidos comemoraram o 30º aniversário da Lei sobre Refugiados de 1980, que tem mostrado ser uma pedra fundamental da nossa arquitetura internacional para proteger as pessoas mais vulneráveis do mundo — os refugiados. Essa legislação é um marco e prova da dedicação e da paixão do falecido senador Edward Kennedy e de outros congressistas que se empenharam por um sistema efetivo e imparcial para atender às necessidades das pessoas deslocadas por conflitos e impossibilitadas de retornar para casa.

A Lei sobre Refugiados reflete os mais altos valores e aspirações dos Estados Unidos — solidariedade, generosidade e liderança no atendimento a populações vulneráveis. Além disso, a confiança no apoio de milhões de americanos é um componente fundamental do sucesso

alcançado por essa lei. O Congresso dos EUA aprovou a legislação que criou a Lei sobre Refugiados, mas são as comunidades locais que têm ajudado a salvaguardar o Programa de Admissão de Refugiados dos EUA, abrindo seus corações, suas casas e suas comunidades aos refugiados do mundo todo.

A maioria dos refugiados passou por grandes adversidades — vendo suas famílias e comunidades sendo arrasadas, feridas ou destruídas e vivendo em condições altamente vulneráveis por anos ou mesmo décadas.

Os Estados Unidos reassentaram mais de 2,5 milhões de refugiados desde 1980, mais do que todos os países de reassentamento juntos. Entretanto, os processos de reassentamento e integração são desafiadores, e muitas pessoas veem amigos ou familiares angustiados com a transição. A maioria dos refugiados reassentados nos Estados Unidos acaba se adaptando e prosperando — um ajuste que exige imensa determinação, apoio de comunidades sólidas e uma forte dose de paciência. Entre os reassentados nos Estados Unidos desde 1980 estão refugiados vietnamitas e da etnia *hmong* do Laos que hoje consideram a Califórnia o seu lar, iraquianos que fugiram de Bagdá e estão começando vida nova nas margens do Lago Michigan e somalis que deixaram o árido cenário da África Oriental para recomeçar a vida em Minnesota e no Maine.

Refugiados têm se estabelecido nos Estados Unidos há centenas de anos e feito contribuições inestimáveis para o crescimento e o sucesso de nossas comunidades locais, das economias regionais e das instituições nacionais. Como nação, entendemos que nossa diversidade é a nossa força. Temos visto repetidas vezes que nossa capacidade de integrar pessoas díspares de todas as partes do mundo é um modelo para criar uma sociedade vibrante, comunidades cultural e intelectualmente prósperas e governança democrática baseada na boa cidadania. Como nação, temos deixado claro que uma de nossas prioridades na política externa é apoiar os cidadãos mais vulneráveis do mundo e aprendemos que quando estendemos a mão para ajudar quem precisa colhemos grandes benefícios. ■

Reassentamento de Refugiados nos Estados Unidos

Fonte: Bureau de População, Refugiados e Migração



©Aaron Favila/AP Photo

Refugiados vietnamitas nas Filipinas escutam representante da Organização Internacional para as Migrações (OIM) ao se prepararem para embarcar em um avião para os Estados Unidos. O governo dos EUA trabalha com a OIM para ajudar a reassentar refugiados

Os Estados Unidos têm orgulho de sua história de bom acolhimento a imigrantes e refugiados. O programa de reassentamento de refugiados reflete as aspirações e os valores mais elevados dos Estados Unidos. Desde 1975, os americanos acolheram cerca de 3 milhões de refugiados do mundo todo. Eles construíram nova vida, casas e comunidades em cidades grandes e pequenas de todos os 50 estados.

REASSENTAMENTO: SOLUÇÃO SOMENTE PARA ALGUNS

Refugiado é alguém que fugiu de seu país de origem e não pode retornar porque tem receio bem fundamentado de perseguição com base em religião, raça, nacionalidade, opinião política ou por pertencer a determinado grupo social. O primeiro passo para a maioria dos refugiados é se cadastrar com o Alto Comissariado da ONU para Refugiados (Acnur) no país para o qual fugiu. O Acnur tem mandato para fornecer proteção internacional a refugiados. O órgão determina se um indivíduo se

qualifica como refugiado e, em caso positivo, trabalha para a melhor solução duradoura possível para cada refugiado: retorno seguro para o país de origem, integração local ou reassentamento em um terceiro país.

De acordo com as estatísticas mais recentes do Acnur, há aproximadamente 10,5 milhões de refugiados no mundo. A grande maioria desses refugiados receberá apoio no país para o qual fugiu até que possa voluntária e seguramente retornar a seu país de origem. Um pequeno número de refugiados poderá se tornar cidadão no país em que está refugiado, e um número ainda menor — principalmente os que estão em maior risco — será reassentado em um terceiro país. Embora relatórios do Acnur informem que menos de 1% de todos os refugiados acabam sendo reassentados em terceiros países, os Estados Unidos acolhem mais da metade desses refugiados, mais do que todos os outros países juntos que oferecem reassentamento.

PROGRAMA DE ADMISSÃO DE REFUGIADOS DOS EUA: SOLICITAÇÃO E ENCAMINHAMENTO DE PROCESSOS

Quando o Acnur — ou, raramente, uma Embaixada dos EUA ou uma organização não governamental (ONG) especialmente treinada — envia um candidato a refugiado para os Estados Unidos visando reassentamento, o processo é primeiramente recebido e encaminhado por uma Entidade de Encaminhamento no Exterior (OPE). O Bureau de População, Refugiados e Migração (PRM) do Departamento de Estado trabalha com organizações internacionais não governamentais para gerenciar oito OPEs regionais em todo o mundo. Sob orientação do PRM, as OPEs encaminham as solicitações de refugiados qualificados para reassentamento nos EUA.

Alguns refugiados podem começar o processo de

O Programa de Admissão de Refugiados dos Estados Unidos (USRAP) é formado por:

- Bureau de População, Refugiados e Migração (PRM) do Departamento de Estado;
- Serviço de Cidadania e Imigração dos EUA (USCIS) do Departamento de Segurança Interna dos EUA;
- Escritório de Reassentamento de Refugiados (ORR) do Departamento de Saúde e Serviço Social dos EUA;
- dez organizações não governamentais nacionais com mais de 350 escritórios afiliados nos Estados Unidos;
- milhares de cidadãos privados que voluntariam seu tempo e habilidades para ajudar refugiados a se reassentarem nos Estados Unidos.

solicitação com a OPE sem encaminhamento do Acnur ou de outra entidade. Isso inclui parentes próximos de refugiados já assentados nos Estados Unidos e refugiados que pertencem a grupos específicos estabelecidos em estatutos ou identificados pelo Departamento de Estado como sendo qualificados para acesso direto ao programa.

As OPEs levantam informações biográficas e de outra natureza sobre os candidatos para controle de segurança. Tal controle assegura que terroristas e/ou criminosos não entrem nos Estados Unidos por meio do programa de refugiados. Funcionários do Serviço de Cidadania e Imigração dos Estados Unidos (USCIS) analisam toda a informação que a OPE coletou e também fazem uma entrevista presencial com cada candidato a refugiado antes de decidir se lhe concede assentamento nos Estados Unidos.

Quando um funcionário do USCIS aprova a admissão de um refugiado, o próximo passo é um exame médico para identificar necessidades médicas e para garantir que as pessoas com doenças contagiosas, como tuberculose, não entrem nos Estados Unidos. Finalmente, a OPE requisita uma “garantia de patrocínio” de uma agência de assentamento sediada nos EUA que seja experiente no fornecimento de assistência a refugiados recém-chegados. Todos os refugiados recebem um breve curso sobre a cultura americana antes de embarcarem para os Estados Unidos.

Esses refugiados que recebem aprovação do USCIS para serem reassentados nos Estados Unidos entram no Programa de Admissão de Refugiados (USRAP). O USRAP é um programa de cooperação público-privado constituído de vários participantes. O apoio de milhões de americanos é fundamental para o sucesso do programa. Embora o Congresso tenha estabelecido o programa, são as comunidades locais que têm assegurado o sucesso do programa de reassentamento acolhendo e ajudando refugiados de todo o mundo.

O tempo total de processamento varia dependendo da localização do candidato e de outras circunstâncias, mas o tempo médio desde o encaminhado do Acnur até a chegada como refugiado aos Estados Unidos é geralmente de oito meses a um ano.

**PLANEJAMENTO
PARA A CHEGADA
DE REFUGIADOS AOS
ESTADOS UNIDOS**

O Departamento de Estado trabalha com dez agências nacionais de reassentamento que demonstraram conhecimento e recursos para reassentar refugiados. Toda semana, representantes dessas dez agências reúnem-se próximo a Washington, DC, para analisar as informações biográficas e outros registros de processos enviados pelas OPEs para determinar onde um refugiado será reassentado nos Estados Unidos. Durante essa reunião, as agências de reassentamento ajustam as necessidades particulares de cada novo refugiado com os recursos específicos disponíveis. Se um refugiado tem parentes nos Estados Unidos, ele provavelmente será reassentado próximo ou junto a eles. Em outras circunstâncias, a agência de reassentamento que concorda em “patrocinar” o processo decide sobre o melhor ajuste entre os recursos de uma comunidade e as necessidades do refugiado.

As informações sobre a localização e o nome da agência patrocinadora são comunicadas à OPE de origem, que então trabalha com a Organização Internacional para as Migrações (OIM) com o objetivo de levar o refugiado para o seu novo lar. O custo de transporte dos refugiados é fornecido como um empréstimo que eles devem começar a quitar após seu estabelecimento nos Estados Unidos.

REASSENTADO NOS ESTADOS UNIDOS

Como mencionado acima, o Departamento de Estado tem acordos de cooperação com dez agências de reassentamento nacionais para acolher refugiados. Embora algumas das agências tenham filiações religiosas, elas não podem fazer proselitismo. O acordo de cooperação padrão entre o Departamento de Estado e as agências de reassentamento nacionais especifica os produtos e serviços que a agência deve fornecer a cada refugiado. Ao todo, as dez agências de reassentamento do país têm



©AP Photo/Sayid Azim

Refugiados burundianos despedem-se acenando ao deixar a Tanzânia para seus novos lares nos Estados Unidos

cerca de 350 escritórios afiliados em todo o país. A sede das agências fica em contato com os escritórios afiliados para monitorar os recursos (por exemplo, intérpretes que falam várias línguas, tamanho e características especiais de uma moradia disponível, disponibilidade de escolas com serviços especiais, assistência médica, aulas de inglês, aconselhamento, etc.) que cada comunidade dos afiliados pode oferecer.

Como o acordo de cooperação exige, todos os refugiados são recebidos no aeroporto na chegada aos Estados Unidos por alguém do escritório afiliado que está patrocinando o reassentamento e/ou um membro da família ou amigo. São levados a um apartamento que conta com móveis, eletrodomésticos, roupas apropriadas para o clima e alguns pratos típicos da cultura do refugiado. Logo após a chegada, os refugiados recebem ajuda para começar a vida nos Estados Unidos. Isso inclui se candidatar a um cartão da Previdência Social, matricular as crianças na escola, aprender como ir até os centros de compras e como usá-los, marcar consultas médicas e entrar em contato com serviços sociais ou de idioma.

O programa de Recepção e Colocação do Departamento de Estado oferece assistência para os refugiados se estabelecerem nos Estados Unidos. Fornece às agências de reassentamento a quantia de US\$ 1.800 para cobrir os custos do refugiado durante as primeiras semanas. A maioria desses recursos vai para o aluguel, móveis, alimentação e vestuário dos refugiados,

bem como para pagar salários dos funcionários da agência, espaço do escritório e outras despesas relacionadas ao reassentamento que não são doadas ou fornecidas por voluntários.

Embora o programa de Recepção e Colocação do Departamento de Estado limite-se às primeiras semanas após a chegada, o Escritório de Reassentamento de Refugiados do Departamento de Saúde e Serviço Social trabalha por meio dos estados e de organizações não governamentais para oferecer dinheiro e assistência médica a longo prazo, bem como serviços de idioma e sociais.

Os refugiados recebem cartões de autorização para trabalho e são incentivados a se empregarem o mais rápido possível. Com base em anos de experiência, o programa de reassentamento de refugiados dos EUA concluiu que as pessoas aprendem inglês e passam a se comunicar com desenvoltura muito mais rapidamente se começam a trabalhar logo após a chegada. A maioria dos refugiados aceita empregos para iniciantes, mesmo que tenham habilidades de alto nível ou graduação. Com o tempo, muitos, se não a maioria, progredem profissionalmente e encontram sucesso e satisfação nos Estados Unidos.

Após um ano, os refugiados devem se candidatar a residência permanente (comumente chamado de *green card*) e, após cinco anos nos Estados Unidos, o refugiado está habilitado a se candidatar à cidadania americana. ■

Agências de Reassentamento dos EUA

- Serviço Mundial de Igrejas
- Sociedade Missionária Nacional e Estrangeira
- Conselho de Desenvolvimento da Comunidade Etíope
- Sociedade de Assistência aos Imigrantes Judeus
- Bureau de Programas de Refugiados
- Comissão Internacional de Resgate
- Serviço Luterano de Refugiados e de Imigração
- Comitê para Refugiados e Imigrantes dos Estados Unidos
- Conferência dos Bispos Católicos dos Estados Unidos
- World Relief

Trinta Anos da Lei sobre Refugiados de 1980

Doris Meissner



© Adam Madel/AP Photo

Desde a aprovação da Lei sobre Refugiados de 1980, mais de 3 milhões de refugiados e pessoas que buscam asilo vieram para os Estados Unidos. Aqui, uma família albanesa de Kosovo é regis-trada para reassentamento nos Estados Unidos

Doris Meissner serviu como comissária do Serviço de Imigração e Naturalização dos EUA de 1993 a 2000 e como funcionária sênior do Departamento de Justiça dos EUA de 1973 a 1986. Atualmente, é membro sênior do Instituto de Política Migratória em Washington, DC.

A Lei sobre Refugiados de 1980 possibilitou proteção e reassentamento nos Estados Unidos a mais de 3 milhões de pessoas. Ao estabelecer as bases legais por meio das quais as pessoas podem obter status de refugiado ou de asilado, a lei ampliou a acolhida da nação aos refugiados e aos que buscam asilo de todas partes do mundo.*

A Lei sinalizou uma reavaliação fundamental da forma em que os Estados Unidos cumprem o compromisso há muito assumido com os princípios dos direitos humanos internacionais e de assistência aos refugiados. Ao liderar sua aprovação, o falecido senador Edward M. Kennedy ajudou a completar a revisão da lei e da política de imigração iniciada por seu irmão, o presidente John F. Kennedy, em 1963. A Lei sobre Refugiados tem como base as emendas à Lei de Imigração e Nacionalidade de 1965 assinada pelo presidente Lyndon B. Johnson, que encerrou 40 anos de cotas com base na origem nacional e abriu os Estados Unidos para imigrantes de todas as partes do mundo.

Por 15 anos, após a adoção das emendas de 1965, a lei americana continuou a restringir a admissão de refugiados a pessoas que fugiam do comunismo ou da



© Scott Applewhite/AP Images

O senador Edward M. Kennedy depõe perante a comissão do Senado dos EUA sobre política de refugiados em 1985

repressão dos países do Oriente Médio. A Lei sobre Refugiados de 1980 concluiu a revisão, que permitiu níveis históricos de imigração e reassentamento de refugiados, levando alguns a chamar os Estados Unidos de a “primeira nação universal”. A Lei:

- adotou a definição internacional de refugiado estabelecida pela Convenção das Nações Unidas Relativa ao Estatuto dos Refugiados de 1951 como alguém impedido de retornar ao seu país devido a “receio bem fundamentado de perseguição”, com base em raça, religião, nacionalidade, opinião política ou pertencimento a um grupo social;
- substituiu respostas *ad hoc* às emergências de refugiados por um processo sistemático de revisão e ajuste anual de tetos para admissão de refugiados;
- autorizou a concessão de status de refugiado a pessoas que já estão nos Estados Unidos sob a designação legal conhecida como asilo político;
- ofereceu assistência aos reassentamentos — tanto monetária quanto por meio de apoio a patrocínios — a refugiados recém-chegados para ajudá-los a reconstruir a vida e começar de novo.

Semanas após sua aprovação, as disposições da lei de 1980 foram testadas.

Entre abril e outubro de 1980, um barco vindo de Mariel, Cuba, trouxe 125 mil pessoas que buscavam asilo nas costas da Flórida. O barco representou a

primeira experiência de emergência de asilo significativa dos Estados Unidos em seu próprio território. Antes de 1980, apenas os estrangeiros já aprovados para admissão eram qualificados para entrar nos Estados Unidos como refugiados.

Ao Mariel seguiram-se ondas sucessivas de pessoas buscando asilo provenientes dos países da América Central atingidos por conflitos civis de longa duração. No início, a resposta dos EUA não contava com recursos suficientes e era fragmentada. Contudo, no início dos anos 1990 os Estados Unidos redesenharam o processo de asilo e estabeleceram um novo sistema que se revelou oportuno e sensível, além de justo e imparcial. Como resultado, os Estados Unidos agora concedem asilo político a pessoas de mais de 105 países todos os anos.

Igualmente, os programas de admissão de refugiados estrangeiros também foram modificados. Nos anos 1980, esses programas ajudaram principalmente os refugiados da ex-União Soviética e do Sudeste Asiático. Atualmente, os programas de admissão incluem uma gama muito mais ampla de populações de refugiados. Os programas operam em conjunto com as principais instituições humanitárias internacionais, como o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (Acnur), e com outros países que compartilham o compromisso dos EUA para com os refugiados, por exemplo, Canadá e Noruega. Como resultado, os Estados Unidos agora reassentam refugiados de mais de 65 países e fornecem ajuda e assistência para refugiados e populações deslocadas do mundo todo. Cada novo grupo de refugiados aumenta a diversidade dos EUA e enriquece a cultura americana.

Embora a imigração tenha sido geralmente assunto polêmico, o sistema de refúgio e asilo dos EUA é amplamente aceito como bem-sucedido. Ao afirmar os princípios básicos dos direitos humanos internacionais e a proteção de refugiados com um estrutura jurídica que permite flexibilidade para satisfazer as novas necessidades e as que se encontram em processo de mudança, a Lei sobre Refugiados de 1980 representou um avanço do compromisso dos Estados Unidos de fornecer segurança a muitos dos povos mais vulneráveis do mundo. Em consequência, milhões de pessoas — da Somália a Kosovo e ao Iraque — encontraram acolhida e esperança nos Estados Unidos. ■

** Os refugiados recebem permissão para entrar nos EUA antes de chegarem, enquanto os que buscam asilo chegam sem controle prévio e solicitam asilo político ao entrar no país.*

As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.

Sem Correr Mais para Salvar a Própria Vida

Um dos “meninos perdidos” do Sudão ajuda refugiados recém-chegados a se estabelecer na nova pátria



Cortesia: Julie Denesha

Adier Deng foi forçado a abandonar sua casa no sul do Sudão aos 4 anos de idade e passou sua infância fugindo ou vivendo em campo de refugiados até ser reassentado nos Estados Unidos em 2000

Adier Deng fugiu de sua terra no sul do Sudão aos 4 anos de idade durante a Segunda Guerra Civil Sudanesa em 1989. Ele foi separado da família, que vive agora em um campo de refugiados em Uganda. A mãe de Adier morreu a caminho do campo

Depois de uma árdua viagem para a Etiópia e para um campo de refugiados no Quênia, Adier foi reassentado nos Estados Unidos quando tinha 15 anos. Agora, após obter o mestrado em Administração de Empresas, Adier está na faculdade de Direito e também trabalha como conselheiro de Direitos Humanos da Diocese da Cidade de Kansas-St. Joseph, ajudando refugiados recém-chegados.

Pergunta: Por que deixou sua casa no sul do Sudão?

Adier: Deixei minha casa por causa da guerra travada nos anos 1980 entre o norte e o sul do Sudão. Tive de fugir por razões de segurança, já que fomos escorraçados de nossas aldeias quando eu tinha 4 anos, tendo sido forçado

a fugir para a Etiópia.

P: Você estava com sua família ao deixar o Sudão?

Adier: Eu não estava com minha família. Ela ficou na aldeia e, na época, eu trabalhava no campo do gado. O campo do gado e o vilarejo foram atacados separadamente e fomos forçados a fugir em diferentes direções. Meus pais escaparam para o sul, em direção à Uganda e eu fugi em direção à Etiópia. Foi assim que nos separamos. Eu estava com meu primo que tinha 11 anos na época.

P: Quanto tempo você e seu primo levaram do Sudão à Etiópia?

Adier: Levamos cerca de três meses para chegar lá, porque tivemos que atravessar o deserto e, a partir de lá, tomamos a direção da fronteira, o que levou bastante tempo em virtude de ser uma selva. Foram quase 4.800 quilômetros até a Etiópia, e por isso gastamos praticamente três meses no percurso.

P: O que aconteceu ao chegarem à Etiópia?



© AP Photo

Adier foi um dos “meninos perdidos” do Sudão, um dos mais de 27 mil meninos sudaneses do sul do país que foram expulsos de suas casas durante a Segunda Guerra Civil Sudanesa (1983-2005). Mostrados aqui em 1989, sudaneses do sul desabrigados vivem em um campo fora da zona de guerra para escapar da violência

Adier: Ao chegarmos na fronteira da Etiópia, atravessamos o Rio Gila, que é um dos mais perigosos e altamente infestados rios do país. E, acrescentaria, talvez de toda a África, em geral. Muitos companheiros perderam a vida nessas águas, por afogamento ou devorados por crocodilos. Tivemos de atravessar esse rio para chegar à Etiópia. Atingido o nosso destino, restava-nos fixar residência no local e construir nossas próprias cabanas. Na época, não havia ONU. Nem ninguém por perto. Estávamos na selva. As cidades da Etiópia ficavam muito distantes — o que realmente dificultou um pouco as coisas para nós.

P: O que aconteceu após a chegada de vocês à Etiópia?

Adier: Com a eclosão de uma guerra no país, ninguém nos queria lá. Na realidade, fomos expulsos de lá pela ponta de uma arma e obrigados a atravessar o mesmo rio novamente. Dessa vez, partimos em direção ao Quênia. Isso era cerca de 3.200 quilômetros do trecho do rio onde nos encontrávamos. Indo do Sudão para a Etiópia e depois para o Quênia levou quase um ano.

P: Como conseguiram sobreviver?

Adier: Isso aconteceu principalmente graças a meu primo e também à fé que eu tinha e à esperança. Era nisso que eu

confiava. Eu ainda esperava que um dia as coisas melhorassem, a guerra acabasse e eu conseguisse voltar para a minha terra.

Ao mesmo tempo, tinha de comer o que todo mundo comia — na base de folhas ou qualquer coisa. Procurava não pensar em meus pais porque no momento em que fazia isso, perdia a esperança. O que eu queria era acreditar que superaria tudo. É isso que mantém viva a esperança. Basta rezar — coisas desse tipo.

Q: O que aconteceu quando chegou ao Quênia?

Adier: Começamos nossa vida no Quênia em um lugar chamado Lokichoggio na fronteira com a Etiópia. Depois fomos levados para o lado norte do país. Não havia prédios. Não havia água, só terra árida. Agora estávamos em um lugar chamado Campo de Refugiados Kakuma. Finalmente a Cruz Vermelha e o Unicef [Fundo das Nações Unidas para a Infância] começaram a levar suprimentos,

livros, lápis, algumas coisas como essas.

Q: Como era a vida no campo de refugiados?

Adier: Completei 5 anos de idade ao chegar ao campo de refugiados. A vida no campo não era boa. Era um horror. Lá não tínhamos nem o suficiente para nossas necessidades básicas. Ao mesmo tempo, queríamos ir à escola. Mas se você não tem nada para comer, não há como frequentar a escola. E havia muita doença. Em geral, pode-se dizer que a vida no campo de refugiados não era boa, e eu vivi nele durante nove anos e meio.

Q: Onde você queria ser reassentado?

Adier: Eu queria ir para os EUA. Esse era o melhor destino possível. Queria vir para os Estados Unidos, de modo a poder ir à escola e contribuir algum dia para a paz no Sudão.

Q: Quando foi que você e seu primo deixaram o Quênia para viver nos Estados Unidos?

Adier: Isso aconteceu em novembro de 2000, e eu estava completando 15 anos.

P: Quem foi o patrocinador?

Adier: Fui patrocinado pelo Bethany Christian Services em Grand Rapids, Michigan. Eles encontraram uma família adotiva para mim e eu fiquei com eles até completar 18 anos. Eles foram realmente muito bons. Foram como pais para mim.

P: Descreva sua chegada aos Estados Unidos.

Adier: Era inverno e eu desconhecia por completo esta estação do ano. Estou falando sobre a neve. Era muito frio! Quando vi pessoas segurando uma placa com meu nome escrito nela, aproximei-me e me apresentei. Disseram que era a mim que esperavam e me deram um casaco grande e outras roupas para eu usar. Tive que vesti-las e fomos então para o carro e depois para casa. Fiquei muito entusiasmado em encontrar minha família americana.

P: Como foi sua adaptação à vida aqui nos Estados Unidos?

Adier: Foi realmente difícil de me acostumar. Antes de tudo, a cultura é diferente. Tive um choque cultural. Tive de me acostumar à comida americana, aos invernos e a ir para novas escolas. Quando cheguei aqui eu entendia inglês, mas na verdade não conseguia falar o idioma como devia. Assim, foi um tempo difícil para mim; não foi fácil conseguir realmente dar sentido a tudo isso.

P: Como você conseguiu finalmente se adaptar à sua nova vida?

Adier: Bem, foi quando comecei a sentir que tinha condições de me estabelecer. E que era possível encontrar meu próprio nicho, saber o que queria fazer e receber orientação. Havia os programas do Bethany Christian Services, os encontros e a prática de alguns esportes, coisas assim. Fiz amigos, e isso foi uma experiência positiva. Mas ao mesmo tempo, sim, é preciso ter em mente o porquê — quais as razões que o trouxeram aos Estados Unidos. E, certamente, essas são as razões que o impedirão de desistir.

P: E o que você queria fazer?

Adier: A coisa mais importante que eu queria fazer era completar minha educação. Essa era a número um — essa era minha prioridade. A número dois era trabalhar em uma organização que ajudasse pessoas de países do Terceiro Mundo. Ou, se não encontrasse algo assim, então eu mesmo teria de criar uma.

P: Após tantos anos fugindo, qual é a sensação de ter um lugar estável para viver?

Adier: É uma sensação boa. A segurança aqui é boa. Ao mesmo tempo, você ainda alimenta o sentimento de que quer fazer alguma coisa pelo lugar que deixou. Ainda sinto a necessidade de trabalhar com mais afinco. Preciso ajudar de alguma forma.

P: Como foi o ensino médio?

Adier: O ensino médio foi realmente bom — foi ótimo. Eu adorei esse período.

P: Que coisas dessa época você mais gostou?

Adier: Ter vários amigos e, ao mesmo tempo, a instrução, os professores, eram realmente muito, muito bons. Adorava brincar com as crianças, ir para a aula e voltar. Como a vida era boa! Era realmente boa.

P: O que você fez após o ensino médio?

Adier: Após o ensino médio, entrei na faculdade. Fui para a Faculdade Aquinas, em Grand Rapids, Michigan. Obtive o grau de bacharel em 2007. Depois, estudei Administração de Empresas na Universidade John F. Kennedy e terminei meu MBA em 2008.

P: O que está fazendo agora?

Adier: Atualmente curso Direito na Faculdade de Direito de Concord. É um sentimento bom. Não é fácil estar em uma faculdade de Direito. Ela é cara e leva tempo. Mas até agora está tudo bem.

Q: Além de estar na faculdade de Direito, você também trabalha. Onde você trabalha?

Adier: Trabalho na Diocese da Cidade de Kansas–St. Joseph e sou conselheiro de Direitos Humanos. Procuro trabalho para refugiados. Dada a situação [recessão econômica] que vivemos agora, encontrar emprego é muito importante para os imigrantes. Gosto do que faço. Sem dúvida, é o tipo de coisa que eu já passei desde que vim para os Estados Unidos. Além disso, sinto-me motivado. Gosto do que faço.

P: Como acha que o seu histórico de refugiado o tem ajudado no seu emprego atual?

Adier: Isso tem ajudado bastante porque, essencialmente, é como se eu visse tudo sob dois prismas distintos. Um é a condição de refugiado — eu passei por isso, eu estive lá. A outra coisa é ser americano. Portanto, você tem de juntar essas duas coisas para poder prestar um bom serviço. Mas, ao mesmo tempo, é preciso ter alguma visão estratégica para fazer coisas boas.

Sei exatamente o que fazer porque lembranças do passado vêm à tona na minha mente. Por exemplo, se um cliente me chamasse e dissesse: “Ei! Devo ir trabalhar hoje, mas não tenho condução”, minha mente voltaria no tempo. Eu era essa pessoa há não muito tempo e sei como eles se sentem.

P: Você se sente em casa nos Estados Unidos?

Adier: Sua casa é, antes de tudo, o lugar onde você se encontra. Sinto-me em casa nos EUA. Aqui, vou à



Cortesia: Julie Denesha

Adier cursa a faculdade de Direito ao mesmo tempo que trabalha como conselheiro de Direitos Humanos na Diocese da Cidade de Kansas-St. Joseph e usa sua história para ajudar os refugia-dos recém-chegados aos Estados Unidos

escola. Tenho um emprego e um apartamento. Uso várias redes sociais e tenho muitos amigos. Conheço o sistema americano e sei como fazer minhas coisas por conta própria. Já me acostumei ao modo americano de fazer as coisas.

P: Como você se identifica?

Adier: (Risos) Eu ainda sou sudanês e americano. Bem, sou cidadão americano e sou, portanto, americano. Isso vem em primeiro lugar. Tanto em âmbito interno como em termos de cidadania, sou americano. Em segundo lugar, continuo sudanês porque sou originalmente do Sudão.

Além disso, estou unindo duas culturas — a cultura americana e a sudanesa. Essa é a parte da cultura que não vai desaparecer. Portanto, tenho essas duas coisas que ainda continuam, que permanecem. Ainda falo a minha língua, o que é bom. E agora posso dizer que falo inglês, que é realmente outra coisa boa. Assim, vivo em dois mundos. Mas, repito, vivo nos Estados Unidos. É bom manter sua identidade. Ao mesmo tempo, você não precisa rejeitar um novo sistema no qual é introduzido.

P: O que sentiu no dia em que recebeu a cidadania americana?

Adier: A sensação foi realmente muito boa. Eu me senti feliz por isso. Estava há muito tempo no país e era hora de me

tornar cidadão. Portanto, abraçar minha nova cultura e meu novo país foi algo realmente bom. E eu queria fazer isso.

P: Como conseguiu realizar tanto em tão pouco tempo?

Adier: Acho que não perder o foco da nossa visão é algo que precisamos lembrar sempre. Essas foram as visões, os objetivos que têm norteado minha vida. Não foi fácil chegar até aqui. Mas, ao mesmo tempo, o caminho que resolvi trilhar implica saber como realizar o que desejamos. Precisamos planejar, depois nos preparar para isso e então seguir em frente sem sermos instruídos por outros atores no ambiente ou na comunidade. Assim, são essas as formas de abordar o que desejamos e foi isso que fiz: não perder a visão. Depois ver como ela pode ser desenvolvida. Muitas pessoas não compartilham essas visões ou de alguma forma se perdem no caminho. Mas, repito mais uma vez, é um modo pessoal de fazer as coisas. ■

Para ouvir trechos da entrevista de Adier, visite o site

<http://www.america.gov/refugees.html>

As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.

Afegão-Americano Ajuda Família Cubana a Obter Casa Própria e Segurança Econômica nos Estados Unidos



Cortesia: Jay Capers

Rogelio Espinosa (frente) posa com (da esquerda para a direita) a filha, Yaniuris; a esposa, Yaneisy Sosa; o filho, Osvaldo; a mãe, Margarita Cepero; o cunhado, Daniel Hernandez; e a sobrinha, Chanaya Hernandez, em sua casa em Rochester, Nova York. A família se estabeleceu em Rochester, vinda de Cuba, em 2005

Por Rogelio Espinosa
traduzido do espanhol pelo Departamento de Estado dos EUA

A FAMÍLIA ESPINOSA

Meu nome é Rogelio Espinosa. Minha família e eu somos refugiados políticos da municipalidade de Florida, na província de Camagüey, Cuba. Começarei contando porque viemos para este país maravilhoso, que nos recebeu de braços abertos. Meu pai, Rogelio A. Espinosa Romo, ficou preso em um campo de concentração, que o governo comunista de Cuba chama de Ejército Juvenil del Trabajo, mas nada mais é que uma prisão para os que se opõem ao sistema.

Os dez membros da nossa família chegaram juntos a Miami, Flórida, em setembro de 2005. Passamos um dia cuidando da papelada e de outros assuntos, e no dia seguinte saímos para Rochester, Nova York. Ao chegarmos, Ali Nadir estava à nossa espera. Ele se apresentou de modo muito formal e explicou que havia



Cortesia: Jay Capers

Como assistente comunitário do CFC, Ali Nadir ajudou muitos refugiados a se adaptar à vida no-va

ALI NADIR

Trabalho com refugiados e imigrantes que chegam aos Estados Unidos desde a infância. Como filho de um imigrante de Cabul, Afeganistão, passei boa parte da minha juventude ajudando outras famílias afegãs que tiveram de fugir para os Estados Unidos para escapar da guerra durante os anos 1980. A casa da minha família no norte do estado de Nova York serviu de lar de transição para inúmeras pessoas e famílias afegãs que procuravam escapar do conflito e evitar a perseguição no seu país de origem. Nossa mesa de refeições, os dormitórios e o porão eram com frequência

ESPINOSA CONTINUAÇÃO

sido selecionado pelo Centro da Família Católica (CFC), organização que trata dos casos de refugiados políticos, por falar nossa língua, o espanhol. Depois disso, tivemos uma conversa muito agradável e amigável. Andávamos preocupados sobre nossa chegada a um país totalmente diferente do nosso. Ali Nadir nos levou para nosso lar temporário. Os apartamentos já estavam preparados com camas, comida e tudo de que precisaríamos durante nossa permanência lá. Aos poucos, ele explicou como as coisas funcionam neste país e o que o CFC faria por nós para que pudéssemos iniciar o processo de assentamento, muito difícil para idosos como minha mãe, meu pai e minha avó, que tinham passado quase a vida inteira em Cuba. O CFC, junto com o encarregado do nosso caso, Ali Nadir, tratou do processamento de toda a papelada oficial. Eles também nos familiarizaram com as instituições sociais pertinentes, para que pudéssemos entender as leis americanas, em particular as do estado de Nova York, e obter todos os nossos benefícios de refugiados. Ali Nadir também nos levou a todas as nossas consultas médicas e a outros compromissos e nos mostrou como nos tornarmos independentes e trabalharmos com o sistema. Tudo era novo para nós e totalmente diferente de onde viemos.

Devo mencionar que o CFC também proporcionou aulas de inglês gratuitas, além de cursos sobre como obter crédito, para que pudéssemos nos adaptar melhor à vida nos Estados Unidos. Ali Nadir explicou o programa Match Grant, que nos forneceria dinheiro sob a condição de começarmos a trabalhar nos Estados Unidos o mais cedo possível. Também explicou a importância de ter um emprego estável neste país, como economizar e pagar as contas. Sem sua ajuda e generosidade não teríamos conseguido nos estabelecer, sentir-nos em segurança e alcançar o sonho americano. Graças a todos os seus conselhos e orientação, que ainda hoje seguimos, obtivemos crédito e compramos uma casa, o que é uma maravilha.

Casa própria é uma das coisas mais importantes neste país, e agora minha família e eu fazemos parte disso. Não teríamos podido atingir esse sonho sem sua ajuda.

Devo também mencionar que o CFC nos ajudou a encontrar trabalho, coisa muito difícil para quem não fala inglês. Eles nos mostraram como proceder para solicitar diversos tipos de emprego, o que é muito importante porque não tínhamos nenhuma ideia a respeito.

Gostaria de dizer que, de modo geral, a ajuda, a confiança e o profissionalismo de Ali Nadir e do CFC

NADIR CONTINUAÇÃO

compartilhados com os que buscavam encontrar vida melhor para eles mesmos e para os filhos nos Estados Unidos. O que sempre me surpreendeu com relação a essas famílias foi a rapidez com que aprendiam inglês, começavam a trabalhar e se assimilavam às comunidades locais e aos cultos nos Estados Unidos.

Após anos ajudando membros de outras famílias a começar vida nova nos Estados Unidos, quando eu tinha 13 anos finalmente acolhemos parte de nossa própria família no país. Após passar vários anos refugiando-se no Paquistão para fugir da guerra, minha tia e meu tio, junto com seus cinco filhos, rumaram para os Estados Unidos. Como havíamos feito antes com outras famílias, nós os ajudamos a encontrar moradia, entrar na escola, ter aulas de inglês e obter emprego remunerado. Dezesseis anos depois, meus primos e primas são mães bem-sucedidas, alunos de doutorado e engenheiros que levam vida saudável e produtiva nos Estados Unidos.

Depois de me formar na faculdade, decidi aproveitar minhas experiências da infância e voltar a ajudar os refugiados que chegam aos Estados Unidos. Ao voltar para minha cidade de origem, Rochester, no estado de Nova York, descobri a agência de Reassentamento de Refugiados do Centro da Família Católica (CFC). Tudo da agência me surpreendeu — a gama diversificada de refugiados que ajudava, o escopo de serviços que prestava e os relacionamentos sólidos que a agência e seus funcionários construía com os clientes. Muito mais importante, vi o impacto positivo e tangível que o CFC e seus funcionários tinham sobre a vida das pessoas.

Quando o CFC me contratou como assistente comunitário, um dos meus primeiros casos foi a família Espinosa, de Cuba. Os Espinosa, dez ao todo, foram inicialmente aprovados com status de refugiado por causa da prisão anterior, e subsequente confinamento em um campo de trabalho, de Rogelio A. Espinosa Romo, o patriarca da família, pelo governo de Fidel Castro. Essa família não só foi um dos meus primeiros casos no CFC, como também uma das maiores com que trabalhei durante minha permanência na agência.

O tamanho da família, de seis adultos e quatro crianças, apresentou desafios únicos. O processo padrão de reassentamento do CFC incluía fornecer moradia mobiliada, acesso a serviços sociais e de saúde, roupas da estação e equipamento doméstico, apoio para matricular os filhos na escola, ajuda no processo de imigração e ajuste legal, além de colocação em emprego. No caso de uma família de dez membros, no entanto, compromissos

ESPINOSA CONTINUAÇÃO



Cortesia: Jay Capers

Rogelio em pé fora da casa. A família trabalhou muito para economizar dinheiro e obter um bom crédito a fim de comprar a casa

foram utilíssimos para mim e para minha família. Estou plenamente convencido de que sem a ajuda deles não estaríamos onde estamos hoje, totalmente integrados na sociedade e no sistema. Continuamos a seguir os conselhos de Ali, que foi muito profissional e instrutivo. Apesar da pouca idade, tinha muita experiência. Sem isso não teríamos atingido nossa meta. Após quase cinco anos nos Estados Unidos, ele ainda mantém contato conosco para ver como está a família e como vão as coisas para nós. Minha família e eu, bem como amigos na mesma situação, jamais tivemos nenhum problema pessoal ou profissional com Ali nem com o CFC.

Essas organizações e pessoas jamais deveriam deixar de fazer o que fazem. Muitas pessoas do mundo inteiro vêm aqui nas mesmas circunstâncias que as de minha família e minhas. É bom saber que profissionais como Ali Nadir e instituições governamentais [sic] como o CFC cuidarão de você e lhe darão apoio incondicional para tornar sua estada e seu assentamento nos Estados Unidos a experiência melhor e mais positiva possível.

Agradeço ao governo dos EUA, por meio do Centro da Família Católica, e especialmente a Ali Nadir, por todo o apoio sincero, profissional e incondicional. Seremos eternamente gratos por tudo que fizeram por nossa família. ■

As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.

NADIR CONTINUAÇÃO

de rotina, como a solicitação do cartão da Previdência Social ou a vacinação contra a tuberculose, eram tarefas enormes.

Apesar das demoras e dos reveses que às vezes acompanhavam o processo de reassentamento, a família Espinosa sempre mostrou paciência, perseverança e determinação para prosperar na vida nova nos Estados Unidos. Com a ajuda do CFC, em seis meses a família conseguiu autossuficiência total e se adaptou com sucesso à vida nos Estados Unidos. Os que tinham condições de trabalhar conseguiram emprego e se tornaram financeiramente independentes, as crianças foram matriculadas na escola e aos poucos aprenderam inglês, e a família conseguiu até comprar seu primeiro carro.

Talvez o aspecto mais surpreendente do reassentamento dos Espinosa nos Estados Unidos não tenha sido seu sucesso, mas a rapidez com que eles se incorporaram à comunidade dos imigrantes estabelecidos em Rochester e começaram a ajudar com regularidade outros imigrantes recém-chegados. A fim de proporcionar a maior ajuda possível, o CFC coopera com uma rede de voluntários, grupos religiosos e a diáspora local da região de Rochester. Rapidamente os Espinosa se tornaram parte dessa rede local. Passaram a acolher com frequência novas famílias cubanas em Rochester, fornecendo com altruísmo refeições caseiras, moradia temporária e ajuda para o transporte. Os Espinosa fizeram questão de devolver a mesma dose de bondade e generosidade que lhes foi demonstrada quando eram recém-chegados.

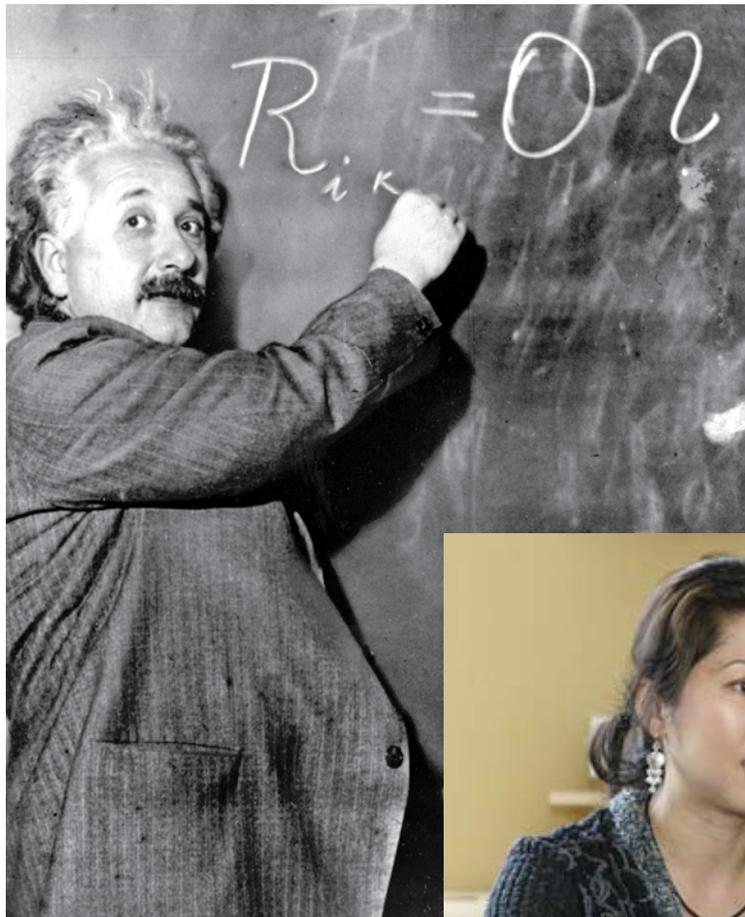
Hoje, menos de quatro anos após sua chegada aos Estados Unidos, a família Espinosa é um exemplo perfeito de como o processo de reassentamento deve funcionar. Com o apoio fornecido pelo CFC durante os primeiros meses nos Estados Unidos, eles agora têm casa própria, são financeiramente independentes e estão completamente adaptados à vida nos Estados Unidos. Os filhos, agora fluentes em inglês, vão muito bem na escola e terão a oportunidade de frequentar a faculdade, se quiserem. Como muitas famílias afegãs que encontrei quando era criança, eles foram acolhidos nos Estados Unidos com chances de uma vida nova e aproveitaram a oportunidade na sua totalidade. ■

As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.

Refugiados Famosos (e Não Tão Famosos) Fazem a Diferença

Albert Einstein

Uma das mentes científicas mais importantes do mundo, Einstein conquistou prestígio e fama por suas descobertas, inclusive a teoria da relatividade. Em 1921, ganhou o Prêmio Nobel de Física. Na década de 1930, quando os nazistas assumiram o poder em seu país de origem, a Alemanha, Einstein defendeu-se do antisemitismo e da perseguição refugiando-se nos Estados Unidos, onde assumiu um cargo de professor na Universidade de Princeton. Einstein intercedeu energicamente a favor dos judeu-alemães e permaneceu nos Estados Unidos até a sua morte em 1955



© AP Photo

Loung Ung

Em 1975, quando Loung tinha 5 anos de idade, o Khmer Vermelho derrubou o governo cambojano. Loung e sua família foram obrigados a abandonar sua casa na capital, Phnom Penh, e seguir em uma marcha da morte pelo Camboja. Ung foi treinada pelo Khmer Vermelho para ser criança-soldado, mas conseguiu fugir com alguns familiares para um campo de refugiados na Tailândia. Mais tarde, Loung foi encaminhada para os Estados Unidos e depois da faculdade tornou-se escritora e ativista em defesa dos direitos humanos no Camboja. Ung é também porta-voz dos Estados Unidos na Campanha para um Mundo Livre de Minas Terrestres



© Ron Schwane/AP Photo

Os refugiados quase sempre enfrentam desafios ao serem reassentados em um novo país, mas a maioria é capaz de superar esses obstáculos. Eis aqui alguns exemplos notáveis de refugiados famosos (e não tão famosos) que recomeçaram a vida nos Estados Unidos, seguiram adiante em busca de sucesso e fizeram a diferença em suas comunidades locais e além delas.



Gabriel Bol Deng (no centro), Garang Mayuol (à direita) e Koor Garang (à esquerda)

Em 1987, quando ainda eram pequenos, Deng, Mayuol e Garang foram forçados a abandonar suas casas no sul do Sudão durante a Segunda Guerra Civil Sudanesa (1983-2005). Como integrantes dos “Meninos Perdidos” — os mais de 27 mil meninos do sul do Sudão que ficaram desabrigados —, os três procuraram abrigo em um campo de refugiados da Etiópia. De lá foram para um acampamento no Quênia e em 2001 chegaram aos Estados Unidos. Individualmente, os três levantaram dinheiro para ajudar a levar melhores condições de saúde e educação aos vilarejos do sul do Sudão. Em 2007 eles voltaram ao sul do Sudão para participar do documentário *Rebuilding Hope* [Reconstruindo a Esperança]

Cortesia: David Morse; www.david-morse.com

Gloria Estefan

Ainda muito pequena, Gloria Estefan e sua família deixaram Cuba logo após a Revolução Cubana e se refugiaram em Miami. Estefan tornou-se cantora de sucesso, com mais de 90 milhões de discos vendidos no mundo todo. Ganhou cinco prêmios Grammy e é reconhecida como a “rainha do pop latino”



© David J. Phillip/AP Photo



Wyclef Jean

Aos 9 anos de idade, Wyclef Jean e sua família deixaram o Haiti e foram para os Estados Unidos, estabelecendo-se em Nova Jersey. Jean foi integrante do Fugees (derivação da palavra *refugees* – refugiados), um grupo de *hip-hop* popular aclamado pela crítica. Desde então Jean tem uma carreira musical solo de sucesso e defende o desenvolvimento do Haiti

© Frank Franklin III/AP Photo

Roberto Suarez

Aos 33 anos de idade, Suarez deixou Cuba, seu país de origem, após Fidel Castro tomar o poder, e foi para os Estados Unidos. Trabalhou no setor de correspondência do jornal *The Miami Herald*, ganhando salário mínimo. Ele subiu na carreira para finalmente tornar-se presidente do *The Miami Herald* e depois fundar o jornal de língua espanhola *El Nuevo Herald*. Suarez foi voz ativa na comunidade hispânica do sul da Flórida, bem como na área de jornalismo



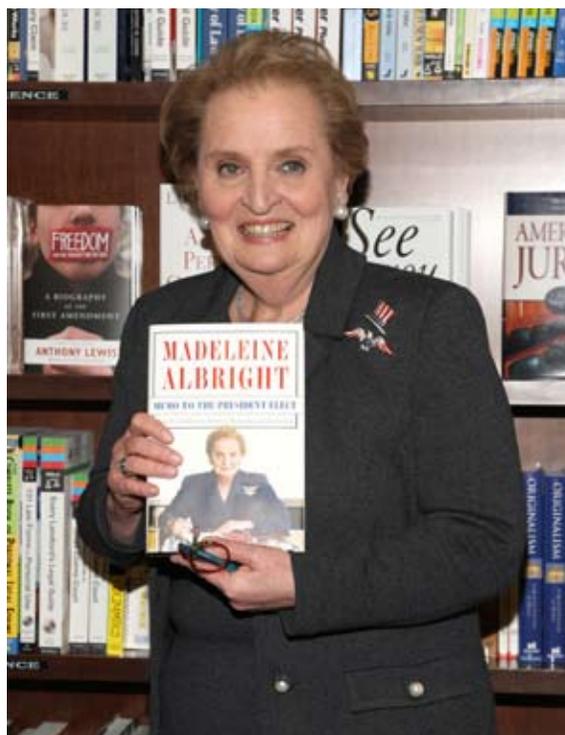
Cortesia: Jeep Hunter, The Charlotte Observer



© Alex Brandon/AP Photo

Anh "Joseph" Cao

Cao nasceu no Vietnã em 1967. Seu pai era oficial do Exército do Vietnã do Sul e foi preso pelo Vietnã do Norte. Em 1975, Cao e dois de seus irmãos fugiram para os Estados Unidos e se estabeleceram em Nova Orleans. Após a faculdade, Cao tornou-se defensor de refugiados e finalmente obteve o título de doutor em Direito. Em 2008, foi o primeiro vietnamita-americano a ser eleito para o Congresso dos EUA, representando o estado de Louisiana



© Jason Kempin/Wire Image

Madeleine Korbel Albright

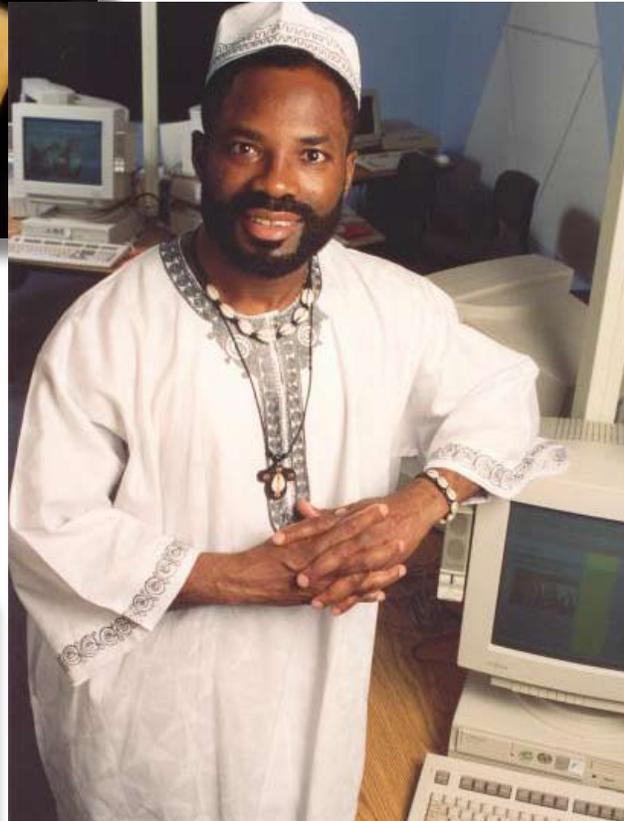
Nascida na hoje República Tcheca, Madeleine Albright e sua família fugiram para os Estados Unidos em 1948 quando os comunistas assumiram o governo. A família estabeleceu-se em Denver, Colorado. Albright entrou para a Faculdade de Wellesley e começou a participar da política. Em 1997, foi a primeira secretária de Estado e a mulher no posto mais alto do governo dos EUA na ocasião



Courtesia: The Miami Herald, 2010

Ivonne Cuesta

Em 1980, aos 7 anos de idade, Ivonne Cuesta e sua família fizeram parte do Êxodo de Mariel, quando 125 mil pessoas fugiram de Cuba para Miami. Ivonne tornou-se defensora pública assistente no condado de Miami-Dade, na Flórida. Atualmente está sendo considerada para juíza de Miami-Dade. Se for escolhida, Ivonne Cuesta poderá tornar-se a primeira juíza de Miami-Dade proveniente do Êxodo de Mariel



Cortesia: emeagwali.com

Philip Emeagwali

Emeagwali, criado na Nigéria, é membro do grupo étnico dos ibos. Em 1966, eclodiu a Guerra Civil de Biafra entre o governo central nigeriano e os ibos no sul. Durante a guerra, Emeagwali permaneceu três anos em um campo de refugiados. Em 1974 veio para os Estados Unidos e mais tarde graduou-se em matemática, engenharia civil, costeira e marinha e também em ciência da computação. Os avanços de Emeagwali em engenharia da computação renderam-lhe o conceituado Prêmio Gordon Bell em ciência da computação, em 1989

© Beбето Matthews/AP Photo



Li Lu

Depois de participar das manifestações na Praça Tiananmen em 1989, Li deixou Pequim, foi para Hong Kong e seguiu para os Estados Unidos, matriculando-se na Universidade Colúmbia em Nova York. Em 1996, Li tornou-se a primeira pessoa na história da universidade a graduar-se em três diferentes cursos em um único dia, tendo recebido, simultaneamente, os diplomas de graduação, Direito e Administração. Li tornou-se um banqueiro de investimentos bem-sucedido e atua no Conselho Consultivo do Prêmio Reebok de Direitos Humanos

“Eles Simplesmente Têm Bom Coração”

Duas Famílias Relatam a Acolhida na Pensilvânia

Dois famílias turcas mesquetianas da Geórgia e do Uzbequistão atravessaram a Rússia e foram reassentadas na Pensilvânia. Ao chegarem aos Estados Unidos em 2005 e 2006, as duas famílias receberam apoio da Igreja Luterana de Upper Dublin em Ambler, Pensilvânia, e também dos vizinhos.

Ayvos e Elmira Kapitanov vieram para os Estados Unidos com seus filhos e com os pais e irmãos de Ayvos, inclusive a irmã Khalida.

Sonamzhon Kapitanova estabeleceu-se nos Estados Unidos com seu marido e quatro filhos, incluindo a filha Saída.



Cortesia: John Berry

Sonamzhon Kapitanova, Saída Kapitanova, Khalida Kapitanov, Ayvos Kapitanov e Elmira Kapitanov (da esquerda para a direita). As duas famílias se estabeleceram na Pensilvânia vindas da Rússia

Pergunta: O que aconteceu quando você e sua família chegaram aos EUA?

Saída: Fomos os primeiros da minha família. Foi muito difícil, tudo muito diferente. Meus pais estavam preocupados porque meu pai não sabia para onde estava indo e nós não tínhamos ideia de quem iria nos receber do outro lado. Quando chegamos, às 3h, cerca de 15 pessoas da Igreja de Upper Dublin nos esperavam no aeroporto. Acho que essa foi uma das melhores noites.

P: Quem eram as pessoas que os ajudaram logo ao chegar aos EUA?

Ayvos: Primeiro, o sr. e a sra. Renigar [dois vizinhos] nos ajudaram. Eles nos ajudaram a encontrar casa e trabalho. E também a tirar todos os documentos.

Saída: A Igreja de Upper Dublin tinha alugado uma casa para nós. Lá encontramos comida, móveis — tudo o que era necessário. Era só entrar e tocar a vida. Eles providenciaram tudo, ajudaram-nos a escolher escolas, trabalho; encontraram emprego para os meus pais e cuidaram de tudo o mais. Inglês, em especial. Tínhamos

aulas de inglês todas as noites. Havia muitos voluntários, vindos de todas as igrejas ou de qualquer outro lugar, realmente desejosos de ajudar.

P: Com o que foi mais difícil se adaptar quando vocês chegaram aos EUA?

Khalida: Em especial, o idioma e a escola. Foram as aulas. Elas eram muito diferentes. E o idioma; era difícil falar e entender. Superei isso estudando mais inglês e fazendo o melhor que podia.

Sonamzhon: Foi difícil no início. Foi difícil falar inglês. Agora, estamos felizes aqui nos Estados Unidos, muito felizes.

P: Como vocês se ajustaram ao novo lar nos EUA?

Elmira: Eu gosto dos Estados Unidos e gosto de viver aqui. As pessoas sempre sorriem e eu posso trabalhar e estudar na faculdade. Sou jardineira e posso fazer cursos, como o ESL [Inglês como Segunda Língua], leitura e matemática.



Cortesia: John Berry

Saida Kapitanova (à esquerda) e sua mãe, Sonamzhon. Saida ficou surpresa quando um policial foi à sua casa para dar-lhes as boas-vindas à comunidade

P: O que você acha da sua nova casa na Pensilvânia?

Ayvos: É muito boa. É uma boa região, não tem muitas pessoas nem muitos carros e é limpa. Aqui é fresco e eu gosto.

P: Como é a sua escola?

Khalida: Estou cursando o ensino médio. É uma boa escola e estou em todas as classes de habilitação acadêmica. Os alunos são simpáticos. Eles me ajudaram muito — (risos) — com meu inglês, especialmente alguns dos amigos que conheci no sexto ano.

P: Antes de vir para os EUA, qual era a sua imagem do país?

Sonamzhon: Pensava que era tudo muito glamoroso, como nos filmes americanos. Mas a realidade é muito diferente.

[Nota do editor: Para saber mais sobre esse tema, leia o livro *Pop Culture versus Real America [Cultura Pop versus a América Real]*, disponível em America.gov.]

P: O que a surpreendeu nos EUA?

Saida: Foi conhecer um policial pela primeira vez — daquela forma, na nossa porta, no segundo dia. Ficamos espantados. Parecia inacreditável ter um policial batendo à nossa porta e dizendo “bem-vindos”.

P: Houve outros exemplos como esse, em que pessoas aleatoriamente, estranhas, apareceram para ajudar vocês ou dizer “olá” para a sua família?

Saida: Sim, tivemos muitos vizinhos simpáticos. Nosso senhorio era muito atencioso e nos ajudou muito com a mobília e com todo tipo de coisa. E as pessoas nas escolas, em especial as da Igreja Luterana de Upper Dublin, também nos ajudaram. Tivemos a ajuda de muitos voluntários. Isso foi muito emocionante, e ficamos muito surpresos em encontrar tantas pessoas de coração aberto, querendo ajudar. Não importa se são ricas ou pobres — tanto faz. Elas simplesmente têm bom coração. Querem apenas ajudar você. Elas não têm qualquer ressentimento, sabe?

P: Como você se descreve? Você se vê como americana? Como turca?

Elmira: Sinto que sou turco-americana. Nos EUA eu posso ser americana e manter minhas tradições. Comemoramos os feriados turcos e fazemos comida americana, russa e turca.

Khalida: Com o passar dos anos, eu me sinto mais americana. Sinto que estou bem adaptada. E ainda tenho minha cultura turca.

P: Você está nos EUA há cinco anos. Você mudou nesses cinco anos?

Saida: Muito. Tornei-me mais americanizada. Tirei minha carteira de motorista. Foi empolgante.

P: O que você quer alcançar? O que você quer ser quando crescer?

Khalida: Gostaria de terminar o ensino médio e fazer psicologia. É isso que eu quero. Cursar a faculdade, ser psicóloga, se eu puder.

Saida: Agora estou em uma faculdade comunitária, estudando administração e contabilidade. Eu amo a faculdade. Assim que me formar, gostaria de me matricular em uma universidade, logo após obter meu diploma de curso superior de curta duração. ■

As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.

Espírito e Persistência de Veterinário Iraquiano Inspiram Voluntário Americano



Cortesia: Javier Barrera

Em fevereiro de 2009, Mohammed Yousuf (à esquerda) veio com sua família do Iraque para os Estados Unidos, onde conheceu Andrew Masloski (à direita), voluntário da Comissão Internacional de Resgate

MOHAMMED YOUSUF

Em 2003, eu e na verdade todos os iraquianos esperávamos que a guerra terminasse o mais rápido possível, que Saddam Hussein fosse tirado do poder e que o povo iraquiano pudesse desfrutar de uma vida livre de guerra, matança e destruição.

Em maio de 2003, eu e dezenas de outros iraquianos que falamos inglês começamos a trabalhar como tradutores para as forças americanas. Esse era um dos poucos empregos disponíveis depois da guerra. Eu estava orgulhoso do meu trabalho porque ajudava a comunicar os problemas e as preocupações dos iraquianos aos militares americanos, e eles trabalhavam para resolver muitos desses problemas. Em seguida, trabalhei como tradutor da Embaixada dos EUA em Bagdá e fui intermediário entre os iraquianos e os funcionários da embaixada por meio da tradução.

Continuei trabalhando na embaixada até o fim de 2004, quando a milícia armada começou a atacar as tropas americanas e os que trabalhavam com elas. Muitos tradutores foram assassinados, inclusive alguns dos meus colegas. Comecei, então, a trabalhar para a BBC (British Broadcasting Corporation) em Bagdá e fiquei até julho

ANDREW MASLOSKI

Quando decidi ser voluntário da Comissão Internacional de Resgate (IRC) em 2008, estava inspirado por histórias que havia lido em jornais sobre pessoas e famílias fugindo de conflitos e perseguições para uma vida melhor nos EUA. Imaginei que ajudar refugiados recém-chegados a se reassentar aqui seria fácil e gratificante. Pensei que o trabalho seria simples, que eu poderia transmitir meu conhecimento de viver nos EUA como um americano autêntico, nascido e criado aqui. Pensei que as pessoas com as quais trabalharia simplesmente me fariam perguntas e que eu teria todas as respostas. Imaginei que ajudar uma família refugiada a se assentar e se acostumar à vida nos Estados Unidos seria como ajudar um estudante a passar numa prova que eu tivesse feito há muito tempo, com sucesso e sem muito esforço. Só mais tarde percebi como sabia pouco sobre a minha tarefa e quanto aprenderia com aqueles a quem supostamente eu iria ensinar.

Conheci Mohammed e sua família em março de 2009. Antes de nos conhecermos, recebi um e-mail da

YOUSUF CONTINUAÇÃO



Cortesia: Paul W. Gillespie www.pwgphoto.com

de 2007. Tive de abandonar meu amado Iraque depois de receber uma ameaça de morte por ter trabalhado para as forças americanas e para a Embaixada dos EUA em Bagdá. Viajei com minha família para a Síria e permaneci lá por mais de um ano e meio, esperando pelo reassentamento nos Estados Unidos.

Em fevereiro de 2009, minha esposa, nossos quatro filhos (três meninos e uma menina) e eu viajamos para os Estados Unidos para iniciar um novo capítulo em nossa vida. Tudo aqui era novo para nós e era difícil se acostumar até mesmo às coisas mais simples, como tomar o ônibus ou o metrô ou marcar uma consulta no médico. Como falo inglês, tem sido mais fácil para mim entender a língua e interagir com os americanos do que para outros refugiados iraquianos que não sabem inglês. Eu ajudo esses refugiados com tradução quando eles precisam. Minha família e eu enfrentamos muitos desafios na adaptação à nossa nova vida, mas o importante é que nos sentimos seguros nos Estados Unidos.

Recebemos alguma assistência da Comissão Internacional de Resgate (IRC), mas a verdadeira assistência foi de amigos e voluntários que nos ajudaram muito ao explicar-nos as coisas e responder às nossas perguntas. Um voluntário da IRC, Andrew Masloski, ajudou nos primeiros dias após a nossa chegada. Ele se tornou um amigo próximo e constante e ajuda a mim e à minha família até hoje. Andy foi um dos primeiros americanos que conhecemos quando chegamos. Ele nos auxiliou dando informações sobre muitas coisas, como encontrar médicos. Andy e alguns amigos nos ajudaram a mudar para o nosso novo apartamento. Ele também me ajudou a redigir meu currículo. Quando preciso saber algo, pergunto a Andy e ele me ajuda a encontrar a resposta certa. Às vezes, eu lhe faço perguntas de outros refugiados, e ele me ajuda com isso também.

Nos primeiros dias de reassentamento, os refugiados precisam de informações corretas para poder se integrar à

MASLOSKI CONTINUAÇÃO



Cortesia: Paul W. Gillespie www.pwgphoto.com

(Esquerda) Os filhos de Mohammed, Abdullah Yahya, 5, Haider Yahya, 7, e Ahmed Yahya, 11 (na frente, da esquerda para a direita), e Mohammed Yousof, sua filha, Rahaf Yahya, 2, e sua esposa, Susan Mohammed (atrás, da esquerda para a direita), do lado de fora de sua casa em Maryland

(Acima) Yousof e sua esposa, Susan, mostram com orgulho o *green card* que chegou recentemente para sua filha, Rahaf (que não aparece na foto). Mohammed tem esperança de que seus filhos tenham uma vida boa nos EUA

IRC contendo pouco mais que os nomes dos membros de sua família e seu endereço num bairro residencial de Washington, DC. Passamos nosso primeiro encontro tentando nos conhecer. Embora eu fosse um completo estranho para a família, eles me receberam com grande generosidade, oferecendo-me suco e frutas. Depois de ser apresentado a todos, era a minha vez de falar. Eu já tinha determinado na minha cabeça tudo o que Mohammed iria querer e precisaria fazer. Ele precisaria de um currículo em estilo americano, ele deveria pensar em obter uma carteira de motorista e deveria aprender como procurar empregos on-line. Todas essas coisas pareciam passos iniciais óbvios para mim.

Por isso, eu não estava preparado quando uma das primeiras coisas que Mohammed pediu foi achar um médico local que aceitasse o seguro-saúde dos refugiados recém-chegados a Maryland. Havia uma iraquiana que Mohammed havia conhecido nos Estados Unidos, reassentada no mesmo bairro de Washington onde ele estava, e que estava com uma bala alojada no corpo desde antes de deixar o Iraque. Ele queria saber como eu podia ajudá-lo a ajudá-la.

Logo aprendi que a minha ideia das ansiedades, apreensões e preocupações de um refugiado chegando aos EUA estava longe de ser completa. É claro que Mohammed estava preocupado com sua família, em

YOUSUF CONTINUAÇÃO

nova sociedade, e Andy e outros voluntários nos ajudaram em muitos aspectos, como redigir currículos, buscar trabalho, recomendar boas lojas para reduzir os gastos e também a saber outras coisas novas que tornaram a vida mais fácil. Voluntários e amigos auxiliaram a minha família e nos deram muito apoio moral.

Quando cheguei aos Estados Unidos, tinha o sonho de ter um bom emprego com um bom salário e poder manter a minha família. Embora eu tenha batido em todas as portas procurando por trabalho, ainda não encontrei um emprego adequado. O único trabalho que encontrei foi como voluntário, ajudando refugiados do Iraque e de outros países, mas esse trabalho não é remunerado. Por enquanto, a única renda da minha família vem dos vales-alimentação e de uma ajuda financeira do governo.

Pensei que a IRC pagaria o nosso aluguel por três ou quatro meses e que nos daria alguma ajuda material. Mas pagaram só um mês. Felizmente, alguns dos nossos novos amigos americanos nos ajudaram. Com o apoio deles, pudemos alugar um apartamento menor, mais acessível. Sem essa ajuda, eu não teria como alugar esse apartamento.

Eu e outros refugiados não queremos depender da ajuda do governo; nós queremos trabalhar para ter uma renda e poder dar uma vida decente às nossas famílias. Emprego adequado é a solução para os problemas que os refugiados reassentados enfrentam. Mesmo os refugiados que não sabem bem inglês podem melhorar o seu conhecimento do idioma com um contato mais próximo com falantes de inglês no trabalho.

A Organização Internacional para as Migrações (OIM), o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (Acnur) e o governo americano ajudaram milhares de refugiados a se reassentar nos Estados Unidos. O próximo passo é encontrar trabalho adequado para ajudar a minha família e outros refugiados a se integrarem melhor na sociedade americana. A maioria dos refugiados iraquianos tem formação universitária e experiência em várias áreas, e queremos dar bom uso às nossas habilidades. Eu e os outros refugiados queremos ser membros produtivos e engajados da sociedade americana, e espero que isso aconteça.

Embora seja difícil encontrar trabalho, acho que meus filhos terão oportunidades. A educação aqui nos Estados Unidos é a melhor. Um dos meus filhos está na primeira série e pode ler e escrever em inglês porque está em uma boa escola. Ele tem professores maravilhosos, que cuidam muito bem dele. Acho que os meus filhos terão uma boa educação e terão uma vida boa nos Estados Unidos. ■

As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.

MASLOSKI CONTINUAÇÃO

conseguir um emprego para sustentar sua esposa e filhos. Com certeza, ele estava interessado em fazer um currículo de sua carreira como veterinário — carreira que teve de abandonar depois que os EUA invadiram o Iraque. Mas para Mohammed era tão importante ajudar outras pessoas necessitadas quanto ajudar a sua própria família.

Além da generosidade de espírito de Mohammed e de sua disposição e desejo de ajudar os outros, sua capacidade de manter a esperança no futuro nunca deixou de me surpreender. Além de chegar aos EUA vindo de um país devastado pela guerra, onde ele temia por sua vida, Mohammed teve a má sorte de chegar aqui em um momento em que muitos americanos lutavam para conseguir emprego, durante uma profunda recessão econômica. Os recursos disponíveis para os refugiados foram concebidos sob a suposição de que os refugiados encontrariam emprego e se tornariam economicamente autossuficientes em questão de meses. Embora nunca seja fácil chegar a um novo país, encontrar trabalho, começar a reconstruir a vida, esse processo era ainda mais difícil durante a crise econômica. Apesar disso, Mohammed continua otimista e concentrado em um futuro melhor para ele e para sua família.

Quando comecei como voluntário para trabalhar com refugiados recém-chegados, achei que eles simplesmente expressariam suas necessidades e que meu trabalho seria fornecer as informações ou a assistência necessária. Eu esperava que as pessoas com as quais trabalharia estivessem confortavelmente assentadas e empregadas em poucos meses. Também esperava ter uma inequívoca sensação de realização. Em vez disso, meu relacionamento com Mohammed e sua família estendeu-se para além de apenas alguns meses. Em vez disso, o progresso em questões básicas como encontrar um emprego para Mohammed continua constante, porém incompleto. Em vez disso, tenho uma inequívoca sensação de gratidão pela amizade que cresceu entre Mohammed e eu e um profundo sentido de apreço pela bravura e coragem de pessoas como Mohammed e sua família. ■

Nota dos editores: para obter mais informações sobre o Programa Americano de Assis-tência aos Refugiados no Iraque, consulte o site da Embaixada dos EUA em <http://iraq.usembassy.gov/refugeeidpaffairs.html>

As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.

Odisséia de Dez Anos Leva Refugiado do Perigo e Desespero a Nova Vida como Cuidador Orgulhoso



Cortesia: Mike Fender

Fotografado aqui com uma colega de trabalho, Janvier Tuyishime trabalha como auxiliar de enfermagem domiciliar na United Home Healthcare e diz que ter um emprego ajudou “a reconstruir minha vida nos EUA”

Janvier Tuyishime fugiu de sua casa em Ruanda e começou uma jornada que o levou à África Ocidental e à Bélgica antes de chegar aos Estados Unidos em 2009. Janvier fala sobre sua jornada de dez anos, que incluiu falta de moradia e quatro anos em um campo de refugiados, e sobre sua nova vida nos Estados Unidos.

A transcrição abaixo combina trechos de uma entrevista com Janvier e textos de e-mails seus.

Pergunta: Quando você deixou Ruanda?

Janvier: Deixei Ruanda em 1999.

P: Por que você saiu de lá?

Janvier: Depois do genocídio em 1994, os extremistas hutus fugiram para a República Democrática do Congo.

Em 1994, os genocidas destruíram minha casa, mas eu a reconstruí. Em 1999, os genocidas hutus voltaram para matar mais tútsis em Ruanda. Eles foram à minha casa e forçaram as portas, mas eu pulei a janela e corri para salvar minha vida. Fui sozinho e escapei para Kigali. Nunca mais voltei.

P: Para onde você foi?

Janvier: Fui de Kigali para o Togo e depois para a Bélgica. Estive um ano no Togo, onde fiquei escondido graças a amigos togoleses. Fiquei um mês na Bélgica, em um centro para imigrantes e refugiados em situação ilegal, mas fui deportado do país.

P: Como se sentiu ao ser deportado?

Janvier: Ah, eu me senti muito, muito, muito, muito,

muito mal e muito triste. É difícil descrever essa situação.

P: Quanto tempo ficou no Togo e o que aconteceu lá?

Janvier: Fiquei 9 dias no Togo. Quando cheguei ao Togo a *gendarmaria* [polícia] me prendeu e me enviou para a prisão. Disseram que eu não era um imigrante em situação legal e fiquei preso durante 9 dias.

Fui torturado e dormi no chão em uma cela com muitas pessoas. Não havia espaço suficiente para deitar e dormir. Havia muitos mosquitos, e quando chovia a chuva entrava pela janela. Eu não podia tomar banho, nem tinha permissão para usar o banheiro. Havia apenas um balde, sem papel higiênico. Era muito, muito ruim. Às vezes os carcereiros me batiam e tive um tipo de doença de pele.

Recebia apenas um pouco de comida, somente uma vez por dia. Fiquei muito fraco e a *gendarmaria* disse que não queria mais cuidar de mim. Fui algemado, colocado em um carro e me levaram para a fronteira entre o Togo e Gana. O policial me deu um papel para assinar. Dizia que se eu voltasse ao Togo eles me prenderiam ou me deportariam para Ruanda. Assinei o papel. Tiraram as algemas e me enviaram para a fronteira de Gana.

P: O que aconteceu depois?

Janvier: Fui até o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (Acnur) na capital, Acra. Não tinha onde morar, nem tinha emprego. Em maio de 2002, o Acnur me aceitou em um centro de triagem em Acra. Em janeiro de 2005, fui transferido para o Campo de Refugiados Krisan, em Gana. Fiquei lá até março de 2009.

P: Como era a vida no campo de refugiados?

Janvier: Era muito ruim, não havia instalações. A água não era boa para beber e o solo era tão pobre que não podíamos plantar nada e não conseguíamos muita coisa para comer. A comida que nos davam não era suficiente, e passávamos muita fome. Havia infecções e doenças. Havia desespero e muito trauma. Cobras e escorpiões atacavam as pessoas, além de muitas outras misérias. Perdi a esperança. É uma longa e triste história.

P: Para onde você queria ir?

Janvier: Eu gostava dos Estados Unidos e queria vir para cá. Os Estados Unidos são a terra da oportunidade, a



Tuyishime escapou da violência étnica de seu país de origem, Ruanda, em 1999, aos 33 anos, e hoje mora em Indianápolis, Indiana

Cortesia: Mike Fender

terra para recomeçar a vida e ser livre. O país é muito, muito grande e existem muitas possibilidades de retomar e reconstruir a vida. As pessoas nos Estados Unidos são muito boas, generosas e acolhedoras. Eu sabia disso e gostava dos Estados Unidos.

P: Como foi o processo de vir para os Estados Unidos?

Janvier: Tive a oportunidade de conhecer algumas pessoas na Embaixada dos EUA em Acra, e o Acnur deu a elas o meu processo em 2007 ou 2008. Durante dois anos, foram somente entrevistas, avaliações médicas e orientação; e depois disso, a partida. As pessoas da embaixada foram ótimas e me deram muito apoio.

P: Como você se sentiu no dia em que partiu para os Estados Unidos?

Janvier: Eu me senti salvo. Estava muito, muito feliz.

P: Onde você chegou? Quem o recebeu no aeroporto?

Janvier: Cheguei em Indianápolis. A organização local que me patrocinou, a Exodus Immigration, recebeu-me no aeroporto. Eram pessoas muito boas e simpáticas.

P: Qual é sua primeira lembrança da vida nos Estados Unidos?

Janvier: Euforia. Eu me senti muito, muito feliz de estar aqui. Estava feliz demais.

P: O que você fez depois do aeroporto?

Janvier: Eles me levaram para minha nova residência e me mostraram a casa. Imediatamente me levaram para comprar comida.

P: Como se sentiu naquele primeiro dia em sua casa?

Janvier: Eu me senti no paraíso.

P: Você sabia falar inglês antes de vir para os EUA? Você tinha um tradutor de francês da Exodus?

Janvier: Eu sabia só um pouco de inglês. Havia alguém que falava francês, mas ele usou um inglês simples e tentamos nos entender. Ele fazia um esforço para falar comigo, e eu fazia um esforço para ouvi-lo, portanto, não foi difícil entender o que ele dizia. A Exodus me levou para aulas de inglês imediatamente. Os professores eram experientes, ativos e ótimos educadores.

P: A Exodus o ajudou a encontrar emprego?

Janvier: Sim, em um mês eu estava trabalhando. Trabalhei como jardineiro paisagista em uma empresa.

P: Que dificuldades você enfrentou?

Janvier: As dificuldades eram somente com a língua. O pouco de inglês que eu sabia na África era diferente do inglês falado nos EUA. Eu tinha sotaque e problemas de pronúncia. Algumas pessoas falavam muito rápido e não era fácil acompanhá-las. Mas não tive nenhum problema com a cultura, porque sou muito flexível.

P: Como é sua vida hoje em comparação a quando você chegou?

Janvier: A diferença é que agora tenho mais experiência. Quando cheguei aos Estados Unidos, era tudo novo e agora sinto que reconstruí minha vida. Eu era alguém quando cheguei aos Estados Unidos, mas me sinto mais alguém hoje. Eu me sinto parte ativa da nação. Sinto fraternidade pelas pessoas. Sinto que esta é minha casa.

P: Como conseguiu fazer essa transição e se sentir parte dos Estados Unidos?

Janvier: As pessoas me receberam e me ajudaram, e eu pude ter uma vida social. Os americanos me integraram à sua sociedade. Pessoas muito boas me ajudaram. Consegui um emprego e um certificado de auxiliar de enfermagem domiciliar devido às minhas habilidades e também porque as pessoas me ajudaram. Eu me sinto muito, muito, muito feliz.

P: Que pessoas o ajudaram? Como elas o receberam e fizeram com que você se sentisse em casa?

Janvier: Pessoas da Exodus e algumas pessoas que conheci na igreja. Algumas me convidaram para jantar em sua casa ou para o Natal ou para o Dia de Ação de Graças. Algumas me convidaram para eventos sociais e outras para conhecer o interior de Indiana. Algumas me convidaram para atividades da igreja. Algumas me visitaram em casa e outras

me ligaram para conversar, enviaram e-mails e me deram presentes. Elas me ajudaram a conseguir um emprego. Elas me ajudaram a reconstruir a minha vida. As pessoas da Exodus me levaram ao médico, a entrevistas de emprego e à autoescola.

P: O que você acha da sua vida em Indianápolis?

Janvier: Gosto muito dela. É muito agradável. Estou muito feliz. Gosto da energia americana, gosto das pessoas e da cultura. Gosto de tudo nos Estados Unidos.

P: Como é seu trabalho?

Janvier: Meu novo emprego é como auxiliar de enfermagem domiciliar. Trabalho para a United Home Healthcare. Ajudo os pacientes. Gosto muito do meu trabalho. Tenho certificado de assistente de enfermagem (CNA) e de auxiliar de enfermagem domiciliar. O pessoal da United Home Healthcare é muito legal. Eles têm um caráter muito humanitário. Quando me candidatei para trabalhar na United Home Healthcare, durante a entrevista eles ficaram preocupados com a minha vida como recém-chegado nos EUA. Eles queriam que eu começasse logo o trabalho para reconstruir minha vida aqui. E ficaram muito satisfeitos com a qualidade do meu trabalho e o serviço que eu prestava ao cliente. Devido ao bom trabalho que estou fazendo, a equipe me apoiou e eu passei em um teste e recebi outro certificado de auxiliar de enfermagem domiciliar (HHA), concedido pelo Departamento de Saúde do estado de Indiana. Portanto, agora tenho dois tipos de certificado: CNA e HHA. O pessoal da empresa me dá muito apoio.

Eles continuam a me apoiar para eu seguir adiante. Eles me chamaram para um novo turno, para eu trabalhar mais horas e ganhar mais. Vou trabalhar 12 horas por dia, 60 horas por semana! É um turno excelente! Gosto disso.

P: Você se sente americano ou ruandês?

Janvier: Eu me sinto mais americano. Quero ficar para sempre nos Estados Unidos. ■

Para ouvir trechos da entrevista de Janvier, visite

<http://www.america.gov/refugees.html>

As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.

Ajudando Refugiados a Estabelecer um Lar nos Estados Unidos



© Dave Weaver/AP Images

No estado de Nebraska, mulher ensina criança refugiada sudanesa a falar inglês. A guerra civil entre o norte e o sul do Sudão levou milhões de pessoas a abandonar suas casas e buscar refúgio em vários países



©AP Images/Mary Ann Chastain

Voluntária serve refeição a refugiada somali banto em ceia de Natal na Carolina do Sul. Voluntários promovem eventos culturais, apresentam novos alimentos e novos costumes a refugiados e contribuem para que se sintam integrados em suas novas comunidades. Em contrapartida, os refugiados compartilham suas culturas e experiências com seus novos amigos

Ao chegar aos Estados Unidos, os refugiados recebem ajuda de organizações de reassentamento, patrocinadores, voluntários e vizinhos. Esse apoio faz com que se sintam à vontade para recomeçar a vida. As imagens mostradas aqui são de refugiados que recebem ajuda nos Estados Unidos, constroem novos lares e prosperam.



© Robert Scheer/The Indianapolis Star/AP Photo

Membro da comunidade mostra a refugiada somali banto recém-chegada como funciona a torneira da cozinha. A maioria dos refugiados banto é composta por agricultores somalis que fugiram para campos de refugiados no Quênia. Para muitos refugiados, utilizar os eletrodomésticos e as utilidades do lar nos Estados Unidos é uma mudança marcante comparando-se com seu estilo de vida anterior



© Darron Cummings/AP Photo

Refugiados birmaneses reúnem-se no estado de Indiana com funcionária da Exodus Refugee Immigration, organização de reassentamento. A funcionária ajuda a explicar os formulários que precisam preencher e como devem se adequar à sua nova vida



© Laurie Matanich, The Gazette/AP Images

Voluntária acompanha refugiada afegã ao supermercado para falar sobre os produtos à venda. Os refugiados afegãos começaram a chegar aos Estados Unidos após a invasão do Afeganistão pelos soviéticos em 1979



© Charles Rex Arbogast/AP Photo

Em Fort Dix, Nova Jersey, refugiado kosovar ajuda outros refugiados de Kosovo a usar o computador e a surfar na internet em sites referentes a refugiados. Em 1999, cerca de 4 mil refugiados de Kosovo ficaram temporariamente em Fort Dix enquanto aguardavam assentamento em outros lugares dos Estados Unidos



© Steven Semel/AP Photo

Refugiado birmanês conversa com seus pais adotivos em sua casa em Massachusetts. Muitos refugiados birmaneses fazem parte da etnia *karen* e fugiram da junta militar da Birmânia. Alguns ficaram muitos anos em campos de refugiados na Tailândia antes de chegar aos Estados Unidos



© Keith Srakocic/AP Photo

Assistente social de instituição de caridade católica mostra a dois refugiados como usar o chuveiro e o banheiro no novo apartamento da família. A família fugiu do Butão para o Nepal e mais tarde foi reassentada no estado da Pensilvânia. Em 2008, os EUA ofereceram abrigo a 60 mil refugiados butaneses e começaram a recebê-los no mesmo ano



© Kristine Buls, The Baltimore Examiner /AP Photo

Fotógrafo da *National Geographic* trabalha com estudantes em um *workshop* de fotografia no estado de Maryland. Os estudantes, refugiados turcos mesquetianos, têm interesse em fotografia e participam do Projeto Jovens Refugiados da Faculdade Comunitária da Cidade de Baltimore



© Reza A. Marvashti, The Free Lance-Star/ AP Images

Mulher em Fredericksburg, Virgínia, ajuda refugiados da área em muitas tarefas, inclusive auxiliando-os a marcar consultas médicas e a encontrar moradia. Aqui ela orienta refugiado liberiano a inscrever-se no Departamento de Veículos Motorizados da Virgínia para tirar a carteira de habilitação. Milhares de refugiados liberianos fugiram da guerra civil de 14 anos do seu país para se reassentarem nos Estados Unidos



© Paul Sancya/AP Images

Patrocinador de refugiados e assistente social reúnem-se com família de refugiados do Iraque. O patrocinador e a assistente social explicam os formulários necessários para que recebam assistência médica e se habilitem ao trabalho

Relatos pessoais

Refugiado do Butão e Colegas Aprendem Inglês e Muito Mais em Visita à Cidade da Professora



Cortesia: Max Bittle

Kapil Dhungel, refugiado do Butão, toma bonde com sua classe de Inglês para Falantes de Outras Línguas em excursão de campo pela cidade de Concord, em New Hampshire

KAPIL DHUNGEL

Em 29 de julho de 2009, apenas um mês e sete dias após minha chegada aos EUA, vindo de um campo de refugiados do Butão, no Nepal, eu estava aprendendo inglês e descobrindo minha nova comunidade. Eu frequentava as aulas de Inglês para Falantes de Outras Línguas (ESOL) dadas por Johanna Young e patrocinadas pela generosa instituição denominada Serviços Sociais Luteranos. Johanna ensinou coisas úteis para mim e para outros refugiados reassentados. Aprendemos a falar e escrever em inglês. Além de nos dar aula, ela nos levou para excursões de campo muito emocionantes. Quando cheguei a Concord, New Hampshire, tudo era novo para mim e a adaptação foi bem difícil. Com as aulas de ESOL e as excursões de campo, eu me familiarizei com meu novo lar.

Quando nossa professora nos levou para essas excursões, aprendemos muitas coisas novas. Por exemplo, as normas de trânsito no Nepal são bem diferentes das daqui. No Butão, o motorista senta do lado direito e dirige do lado esquerdo da via, mas nos Estados Unidos é o oposto. No Butão, você não precisa apertar um botão



Cortesia: Max Bittle

Quando era aluna de pós-graduação, Johanna Young se interessou em ajudar refugiados. Agora ela ensina inglês para refugiados recém-reassentados nos Estados Unidos

JOHANNA YOUNG

É um dia quente de verão. Estou levando minha turma de mais de 20 alunos de ESOL (Inglês para Falantes de Outras Línguas) em viagem de campo por Concord, New Hampshire. Adultos refugiados, com idades entre 20 e poucos até cerca de 70 anos, com lápis e papel nas mãos, procuram pontos turísticos para marcar em suas listas de vocabulário.

A verdadeira finalidade dessa atividade não é somente mostrar-lhes a cidade, mas ensinar à classe como jogar beisebol. Os alunos, principalmente butaneses que viveram em campos de refugiados no Nepal durante 17 anos ou mais antes de chegar aos Estados Unidos, e vários refugiados de países africanos, estão dispostos a aprender um pouco sobre beisebol. A maioria das mulheres, no entanto, retraiu-se e deixou os homens dar uma tacada. Aprenderam de antemão algumas palavras simples; palavras como *hotdog*, *home run* (rebatida para fora do campo), *catch* (receber) e *throw* (arremesso). Explico as regras básicas, mas rapidamente o beisebol americano adquire o estilo butanês. Alguns conhecem um pouco sobre críquete, mas não sobre beisebol. Felizmente, tenho um taco e uma bola, porque meus alunos arremessam a bola

DUNGHEL CONTINUAÇÃO



Cortesia: Max Bittle

Johanna (ao centro) e sua classe de ESOL

para cruzar a rua, precisa apenas ir até uma faixa de pedestre, certificar-se de que não haja trânsito e atravessar. Na excursão de campo, caminhamos pela cidade e aprendemos a cruzar a rua apertando o botão da faixa de pedestres e esperando a mudança da luz do semáforo.

Enquanto caminhávamos, todos os 22 alunos observavam e discutiam tudo que viam pelo caminho. Nossa professora pedia que lêssemos o nome do novo objeto e escrevêssemos seu nome e localização. Depois de alguns minutos, chegamos a um restaurante, onde compramos pizza. Conhecemos novas coisas e novas comidas. A apenas alguns passos do restaurante, encontramos o Food Basket, e aprendemos que também é um lugar para comprar comida.

Após aprendermos um pouco sobre o Food Basket, andamos até o Washington Street Café, perto dali. Era parecido com as tendas de chá que temos no Butão. Depois disso, fomos até a Faculdade de Direito Franklin Pierce, do lado direito da rua. Perguntamos à nossa professora: “Que tipo de escola é essa?” Ela respondeu que era uma faculdade de direito e que nossos filhos poderiam estudar ali no futuro.

E em frente dessa faculdade havia uma fonte. Era como um parque, e pedi à professora para explicar mais, e ela me atendeu. Havia um belo lago, e vimos patos selvagens em bandos bem grandes. Eles nadavam no lago destemidamente. De acordo com nossa professora, eram todas fêmeas! Os patos eram domesticados, pois as pessoas estavam lhes dando migalhas de pão. Os patos me fizeram recordar nosso país, já que temos o mesmo tipo no Butão.

Continua na página 35

YOUNG CONTINUAÇÃO

para o rebatedor para tentar tirá-lo da jogada. Aqueles que decidem não participar se riem da jogada dos outros. De volta à sala de aula, passamos por um churrasco na Faculdade de Direito Franklin Pierce. Foi um momento de aprendizado; agora posso mostrar-lhes cachorros-quentes cozinhando na grelha. Um dos cozinheiros nos cumprimenta, e os estudantes se aproximam e dizem “olá”.

Além de aprender novo vocabulário e algo mais sobre sua comunidade, as excursões de campo dão aos estudantes a oportunidade de relaxar, dar risadas, fazer perguntas e até mesmo olhar o que as pessoas cultivam nos jardins. Graças a uma aula, estão aprendendo sobre flora e fauna novas para eles. “Narciso!”, exclama um estudante em visita ao White Park, apontando para a flor. “Está certo!”, respondo. “North State Street”, diz outro estudante lendo a placa da rua na esquina. Seus olhos estão bem abertos, captando tudo. Em 2005, na comemoração do Dia Mundial do Refugiado, nos Serviços Sociais Luteranos (LSS) em Manchester, Connecticut, um refugiado da tribo banto da Somália disse: “Somos como crianças, aprendendo todas as coisas novas.”

Embora meus alunos não sejam crianças, muitas coisas são novas para eles. Sou seu guia de turismo e, à medida que os observo explorando o ambiente, posso perceber o que é importante e valioso para eles e entender melhor o que os faz sentir bem.

Tenho dado aulas para novos americanos — refugiados atendidos pelo LSS — desde 2005. Contudo, meu interesse no problema dos refugiados e no seu reassentamento vem de longe. Em meados dos anos 1980, aprendi a definição de refugiado em uma aula de História da Imigração Americana. Era o ano de 1984, e eu estava tentando obter um diploma de mestrado em TESOL (Ensino de Inglês para Falantes de Outras Línguas) na Universidade Central de Connecticut. Dessa época lembro-me de algumas palavras da definição legal: que os refugiados fogem de seus lares devido a perseguição ou a receio bem fundamentado de perseguição.

Como aluna de pós-graduação, lecionei em uma classe de ESOL, na qual a maioria dos estudantes era de refugiados, jovens aldeões *hmong* de famílias de agricultores seminômades das montanhas do Laos.

Com a vitória em 1975 das forças comunistas de Pathet Lao na guerra civil laosiana, sua vida ficou em perigo. Eles escaparam cruzando o Rio Mekong para a Tailândia, onde viveram em campos de refugiados antes de serem reassentados nos Estados Unidos pelos patrocinadores religiosos em Manchester, Connecticut.

Meu professor de História pediu que todos os estudantes realizassem um projeto de pesquisa primária sobre um grupo de imigrantes ou de refugiados no estado



Cortesia: Max Bittle



Cortesia: Max Bittle



Cortesia: Max Bittle

YOUNG CONTINUAÇÃO

de Connecticut. Um senso de responsabilidade me fez tentar saber mais sobre refugiados laosianos, especialmente devido ao envolvimento do meu país no Vietnã e no Laos. Não foi surpresa, então, que meus alunos e suas famílias se tornassem meu assunto principal. Fiz entrevistas com eles e registrei suas angustiantes histórias de fuga.

Embora eu não viesse a trabalhar de novo com refugiados até anos depois, não esqueci essas histórias de fuga e sobrevivência. Continuei a ler notícias e histórias sobre o povo *hmong* e outros grupos de refugiados. Nesse meio tempo, mudei-me para Manhattan, obtive um diploma de mestrado em Teologia do Seminário Teológico União e mais tarde me mudei para Nova Jersey e trabalhei na Diocese Episcopal de Newark.

Em 2005, no desejo de mudar da cidade para o campo, meu marido e eu nos mudamos para Concord, em New Hampshire. Antes de chegar, minha irmã, jornalista, mandou-me uma série de artigos sobre grupos de refugiados reassentados em Nova Hampshire pelos Serviços Sociais Luteranos. Eu tinha mestrado em Ensino de Inglês para Falantes de Outras Línguas e interesse na situação dos refugiados, portanto, candidatei-me ao cargo de professora de ESOL para os Serviços Sociais Luteranos. Fui contratada e comecei a lecionar para adultos em março de 2005.

Desde então, dei aulas a muitos refugiados de muitos países, incluindo Libéria, Somália, República Democrática do Congo, Burundi, Iraque, Afeganistão e Croácia. Meus alunos atuais são em grande parte do Butão. Atualmente tenho 30, mas já tive 75 ao mesmo tempo. Lecionei para alunos principiantes e intermediários de inglês e para universitários.

No decorrer das minhas aulas descobri que se aprende melhor a língua por meio de vivência e uso no mundo real, fazendo imersões em novos ambientes, estabelecendo novas amizades e tornando-se parte de uma nova comunidade. Como professora, levei meus alunos para fora da sala para aprender e praticar inglês. Servir de guia em excursões de campo era parte importante do meu trabalho. Visitamos o parque local para ensinar-lhes como jogar beisebol e o nosso Edifício do Capitólio do Estado para que aprendessem sobre o governo do estado de New Hampshire. Nessas excursões, meus alunos e eu também olhamos as vitrines no centro de Concord e visitamos

(À esquerda, parte superior) Na excursão de campo, Johanna (ao centro) aponta locais interessantes da cidade para ensinar novo vocabulário em inglês e ajudar os estudantes a se familiarizar com a nova cidade

(À esquerda, no centro) Johanna também ensina cultura americana em suas aulas de ESOL. Aqui, os alunos aprendem a jogar beisebol

(À esquerda, parte inferior) Johanna (à esquerda) e Dhungel (à direita) conversam sobre os eventos do dia. Para Dhungel e os outros alunos, "nossas excursões de campo tornaram-se fonte de educação e nos ajudaram a saber mais sobre nosso novo lar"

DUNGHEL CONTINUAÇÃO

Na excursão de campo, também encontrei dois americanos. Eles me perguntaram: “Onde vão todas estas pessoas?” Respondi que éramos todos recém-chegados aos Estados Unidos e de uma classe de ESOL em viagem de campo. O outro me perguntou: “De onde são?” E respondi: “Sou do Butão.” Ele perguntou se gostávamos daqui. Eu lhe disse: “Sim, gosto muito.” Eu não conhecia essas pessoas, mas senti que eram muito boas e amigáveis.

Todos os estudantes estavam empolgados e entusiasmados por aprender sobre os diferentes lugares na excursão. Um de meus amigos comentou com a professora que esse tipo de atividade era muito útil para nós porque nos ajudava a conhecer mais sobre a cidade. Ele disse ainda que observou muitas coisas, como casas para alugar e diferentes tipos de lojas e restaurantes, informações muito importantes para nós. Também senti que as excursões de campo são muito importantes. A maioria dos estudantes gosta dessas atividades e as encara como algo muito positivo.

Nossas excursões tornaram-se uma fonte de informação e nos ajudaram a saber mais sobre nosso novo lar. ■

As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.



Kapil Dhungel.

Cortesia: Max Bittle

YOUNG CONTINUAÇÃO

muitos lugares, inclusive a estação de rádio pública, o supermercado, a livraria, uma feira ao ar livre, a estação de ônibus e o Museu de New Hampshire. Ao visitar um parque, pedi a voluntários da classe para documentar o passeio com a finalidade de mais tarde escrevermos uma história sobre ele e incluirmos fotos. Um estudante de nível intermediário, Kapil Dhungel, foi o repórter do dia. Outro estudante se ofereceu para ser o fotógrafo. Essas excursões ajudaram os alunos a aprender inglês, a se familiarizar com seu novo lar e a se integrar melhor a ele.

Ajudar os estudantes a encontrar um novo sentido de lugar foi uma experiência recompensadora. De modo geral, eles chegavam um pouco desorientados por terem sido retirados de suas raízes por mais de uma vez. A princípio ficam desorientados até aprenderem mais sobre seus vizinhos, colegas de classe e nova vizinhança — e até que americanos já estabelecidos aprendam mais sobre eles. Com o tempo, a maioria dos refugiados começa a se sentir em casa. Em nossas excursões de campo, às vezes eles encontram algo que os conecta aos lugares de origem que deixaram para trás. Em visita recente a uma loja de departamentos local, os estudantes butaneses pararam, com as faces iluminadas por sorrisos, diante de uma vitrine de loja de queijos exibindo a réplica de uma vaca em tamanho natural. Muitos haviam sido agricultores no Butão e retêm lembranças agradáveis de seus animais. Muitos são hindus e consideram as vacas animais sagrados. Em uma excursão de campo a um parque próximo no último verão, uma estudante encontrou o mesmo tipo de grama que havia usado para fazer remédio no campo de refugiados no Nepal. Em uma loja de roupas, um senhor butanês mostrou o tipo de tecido usado para fazer saris. Moradores paravam para acenar e sorrir e fazer perguntas sobre os novos americanos. Descobrir coisas em sua nova cidade semelhantes às de seus antigos lares e encontrar outros americanos ajuda os estudantes a se adaptarem à sua nova vida.

Não é somente a questão de aprender assuntos práticos como se conectar com os serviços, preencher formulários e outros papéis semelhantes que torna a nova vida dos refugiados com quem lido mais fácil. Mais importante são os laços que desenvolvem com seu ambiente e com outros membros de suas novas comunidades americanas que os ajudam a se desenvolver, apesar do sentido de perda e de saudade do mundo que deixaram para trás. O pouco que eu posso fazer para ajudá-los é um presente não somente para eles, mas também para mim. Meus novos amigos americanos ajudam a me conectar com meu próprio mundo e vê-lo com novos olhos. ■

As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.

Ex-Criança Refugiada Agora Ajuda Promover Política Americana de Proteção a Refugiados



Cortesia: Ken White

Com doutorado em Antropologia Aplicada, Hoa Tran trabalhou com questões de refugiados e imigração durante 20 anos. Desde 2004, Hoa trabalha com política de refugiados no Departamento de Estado dos EUA

Hoa Tran deixou o Vietnã quando era criança, em 1975, e se refugiou nos Estados Unidos. Hoje ela trabalha com política de refugiados no Bureau de População, Refugiados e Migração do Departamento de Estado dos EUA.

Pergunta: Quando você chegou aos Estados Unidos?

Hoa: Cheguei em novembro de 1975 em Atlanta, na Geórgia, nove meses depois de deixarmos o Vietnã. Foi onde minha família se estabeleceu. Eu tinha 7 anos.

P: Você veio com toda a família?

Hoa: Toda a minha família veio, exceto minha irmã mais velha e meu irmão mais velho, que ficaram no Vietnã com meus avós. Meus avós estavam com mais de 80 anos na época e disseram que gostariam de morrer em seu próprio país em vez de empreender aquela longa jornada conosco.

P: Descreva sua viagem do Vietnã.

Hoa: Foi muito caótica, eu me lembro bem. Levou meses até chegarmos aos EUA. Primeiro deixamos nossa cidade natal, Quy Nhon, em fevereiro de 1975, e chegamos a uma base da Marinha dos EUA na Baía de Cam Ranh no mês seguinte. Saímos de Phu Quoc em abril e depois passamos um tempo em alguns campos de refugiados em bases militares e da Força Aérea dos EUA em Guam e na Ilha Wake antes de irmos para os EUA. Naquela época, a política americana era reassentar refugiados vietnamitas em todos os estados dos EUA de modo que nenhum estado fosse sobrecarregado pelo fluxo de refugiados. Havia quatro centros de processamento de refugiados, e fomos enviados para Forte Chaffee, no Arkansas, em agosto de 1975, e de lá fomos para Atlanta.

P: Quando chegaram aos Estados Unidos, quem os ajudou encontrar apartamento, quem mostrou a cidade para vocês e esse tipo de coisa?

Hoa: Fomos patrocinados pela Primeira Igreja

Presbiteriana em Atlanta, e eles cuidaram de nós no começo, encontrando um lugar para morarmos, conseguindo algumas oportunidades de trabalho e depois ajudando a mim e a meus irmãos a ir para a escola.

P: Quando você começou a sentir que os Estados Unidos eram sua nova casa ou você sempre se sentiu uma visitante?

Hoa: As duas coisas. As crianças são muito honestas com seus sentimentos, e fui constantemente hostilizada por outras crianças na escola. Também sou geniosa, então eu revidava. Tive problemas durante todo o ensino fundamental. Por fim, fui colocada em um programa de Inglês como Segunda Língua (ESL) e fiquei numa sala com meu irmão, minha irmã e crianças de vários países. Pudemos aprender inglês de maneira mais sistemática. Tivemos a oportunidade de nos relacionar uns com os outros, e isso ajudou na transição para a sala de aula normal.

P: Foi difícil se ajustar a uma nova cultura?

Hoa: Eu era uma criança muito curiosa e estava sempre explorando e me metendo em todo tipo de problema. Enfrentava os desafios de frente. Também era muito travessa e fazia o tipo de coisa que as crianças fazem e me metia em confusão por isso também. Os desafios enfrentados por meus irmãos mais velhos e por meus pais, claro, tiveram impacto na família. Lembro-me que meu pai ficou muito doente alguns anos depois de chegarmos aos EUA. Não entendíamos o sistema de saúde e não sabíamos o que fazer. Ele lutou contra o câncer e acabou morrendo. Foi muito, muito difícil para nós todo aquele período.

P: Quem ajudou você e sua família?

Hoa: Minha professora de Inglês como Segunda Língua foi super prestativa. Ela era muito solidária e compreensiva. Lembro-me que ela se casou e deixou Atlanta e fiquei muito chateada por isso. As pessoas da Igreja Presbiteriana também foram muito prestativas e receptivas às nossas necessidades.

P: Como você conciliou a divisão entre as pessoas que a ajudaram e aquelas menos compreensivas?

Hoa: Você cresce encontrando pessoas com várias maneiras de ver a vida e lidando com pessoas de outras partes do mundo. O modo como lidei com isso foi confiar nas pessoas que são prestativas e contar com elas, saber quando pedir ajuda e saber que não se pode lutar todas as batalhas.

P: Houve pessoas que fizeram você se sentir bem-vinda em Atlanta e fizeram você e sua família se sentir em casa?

Hoa: É muito interessante que eu não me lembro de ter sido convidada para jantar na casa de alguém, mas as pessoas que mais nos ajudaram foram as pessoas da igreja.

Nós as víamos com regularidade aos domingos e depois elas vinham na nossa casa para nos visitar e se certificar que tínhamos tudo de que precisávamos. Éramos muito gratos por isso. Elas também nos ajudaram a encontrar emprego. Meu pai e minha mãe tiveram de fazer serviços humildes em comparação ao que faziam antes no Vietnã. Minha mãe tinha seu próprio negócio e meu pai trabalhava para os governos sul-vietnamita e americano, o que em parte foi a razão de termos tido a sorte de sermos evacuados logo.

P: Quando você e sua família se tornaram cidadãos americanos?

Hoa: Em momentos diferentes. Para mim, foi em 1991.

P: Como você se sentia nessa época?

Hoa: Quando fomos ao fórum em Atlanta para eu prestar juramento, todos receberam uma pequena bandeira dos EUA e tiveram de levantá-la, e foi simplesmente maravilhoso estar naquela sala. Havia muitas pessoas, de todas as partes do mundo, até mesmo pessoas que mal sabiam falar uma palavra em inglês. Havia pessoas com quase 80 anos. Foi realmente maravilhoso. Lembro-me que meu pai estava muito envolvido na luta no Vietnã e então tivemos ajuda para sermos evacuados. Vir para um local seguro e depois chegar ao ponto em que sou oficialmente cidadã americana... foi uma sensação boa.

P: Quando você estava crescendo você se imaginava americana?

Hoa: Acho que nunca me imaginei americana simplesmente porque, um, não existe uma identidade americana única e, dois, também não existe uma identidade vietnamita única. Trabalhei com muitos vietnamita-americanos e outros grupos étnicos e também com outros grupos de refugiados e imigrantes, e é muito difícil definir quem você é, uma vez que você e tudo ao seu redor mudam com o passar do tempo.

P: No contexto que você vive agora, como você se vê; vietnamita-americana, vietnamita ou outra coisa?

Hoa: Acho que diria vietnamita-americana.

P: Por que você decidiu trabalhar no Departamento de Estado?

Hoa: Quando estava no ensino médio, fui voluntária em abrigos de sem-tetos e trabalhei com crianças. Também durante o ensino médio, tínhamos um programa especial voltado para as comunicações, e assim me interessei por fotografia documental. Depois do ensino médio, eu me envolvi no trabalho com refugiados quando em 1988 foi aprovada a lei que facilitou a entrada de asiáticos filhos de pais americanos e seus parentes imediatos (Amerasian Homecoming Act), e comecei a trabalhar com refugiados que podiam ser reassentados nos EUA. Trabalhei



Sul-vietnamitas em Da Nang, Vietnã, depois da queda de Saigon em 1975, lutam para embarcar em navios que iriam evacuá-los para a Baía de Cam Ranh. Hoa e sua família foram evacuados para a Baía de Cam Ranh e depois se refugiaram em Atlanta, na Geórgia

© AP Photo

diretamente com várias famílias e fiz outra exposição de fotografias documentais com as famílias presentes. Foi uma maneira delas compartilharem suas experiências e tornarem seus problemas públicos.

Durante a graduação e a pós-graduação, continuei com o trabalho de ativista, inclusive trabalhando com refugiados. Depois de obter meu doutorado em Antropologia, conheci o Programa de Bolsa de Estudos de Diplomacia da Associação Americana para o Avanço da Ciência (AAAS). Eu me candidatei, consegui a bolsa e pensei que ficaria em Washington DC por um breve período. Queria ir para o Bureau de População, Refugiados e Migração (PRM), do Departamento de Estado, e tive a sorte de conseguir. Pretendia ficar aqui somente um ou dois anos, mas realmente admiro o trabalho do bureau e as pessoas que trabalham aqui são extremamente dedicadas. Elas realmente se esforçam para prestar proteção e assistência humanitária às vítimas de conflitos do mundo todo e trabalham incansavelmente para fazer as coisas acontecer.

P: Como ex-refugiada, o que achava que poderia acrescentar para ajudar outros refugiados?

Hoa: Simplesmente achava que eles estavam lutando do mesmo modo que eu lutei, sem saber como as coisas funcionam. Queria ser prestativa, dar a eles os conselhos que precisassem ou levá-las ao médico ou fazer o que pudesse para tornar a vida deles um pouco mais fácil. Sentia que eu podia me relacionar com eles, considerando as experiências das nossas famílias, e seria capaz de me comunicar com eles em sua própria língua e também levar as crianças para se divertir e passear.

P: Você acha que os serviços para refugiados nos Estados Unidos melhoraram desde que vocês chegaram ao país em 1975?

Hoa: A assistência existia quando nós chegamos, mas é claro que com muitos anos de experiência com fluxos de refugiados, há mais agências e organizações envolvidas e também mais ex-refugiados que participam das equipes. O grupo [de pessoas que ajuda refugiados] é muito mais diverso e eles trazem experiência e perspectiva que, em minha opinião, é definitivamente um grande passo à frente em comparação a quando chegamos em 1975. Claro que mesmo aqueles que chegaram em 1975 ainda estão lutando hoje, tentando sobreviver e navegar pelo sistema.

P: Há aspectos da vida/cultura americana que você considera terem desempenhado um papel específico no seu sucesso? Você acha que se tivesse se refugiado em outro país teria tido as mesmas oportunidades?

Hoa: Definitivamente há todo tipo de oportunidades aqui [nos EUA] e realmente depende da pessoa, seja refugiado ou não, trabalhar para alcançar suas metas e tentar alcançar maneiras de lidar com os desafios e os obstáculos. É claro, há sistemas estruturais e institucionais subjacentes que podem ser muito difíceis de serem superados, e uma pessoa pode levar muito mais anos do que outra, mas definitivamente há oportunidades, e em outras circunstâncias as oportunidades não estão lá para muitas pessoas. É difícil comparar, caso eu tivesse me refugiado na Suécia ou em outro país e enfrentado outros tipos de desafios ou oportunidades lá; falando apenas por mim e por minha obstinação, costumo encontrar uma maneira de enfrentar e lidar com os desafios de uma maneira ou de outra.

P: Descreva seu trabalho com a política de refugiados considerando seu histórico de ex-refugiada.

Hoa: Acredito que entendo os desafios de tentar negociar e trabalhar as várias questões de proteção e assistência humanitária para populações vulneráveis tratadas pelo Bureau de População, Refugiados e Migração e de tentar arduamente alcançar soluções duradouras ou opções de proteção temporária. E quando não conseguimos alcançar esse objetivo, independentemente do quanto nos esforcemos, perco o sono. É muito difícil, mas há momentos em que é possível encontrar uma solução para uma situação complexa e isso é extremamente gratificante. De novo, como na vida, você dá o melhor de si e tenta lutar o máximo que puder para alcançar uma meta. Às vezes você ganha e às vezes você perde, mas você nunca desiste. ■

Para ouvir trechos da entrevista de Hoa, visite <http://www.america.gov/refugees.html>

As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.

Recursos Adicionais

Publicações, sites e filmes sobre refugiados

Livros e artigos

Histórias de refugiados

Beah, Ishmael. *Muito Longe de Casa: Memórias de Um Menino Soldado*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.

Bernstein, Nina. “First Day in America, First Sight of Snow” [“Primeiro Dia nos Estados Unidos, Primeira Visão da Neve”]. *New York Times* (11 de fevereiro de 2010). <http://query.nytimes.com/gst/fullpage.html?res=9B02E0D9103FF932A25751C0A9669D8B63>

Celeste, Erika. “From Job Skills to People Skills: Learning U. S. Ways” [“Das Habilidades no Trabalho às Habilidades com Pessoas: Aprendendo o Jeito Americano”]. *Rádio Pública Nacional* (6 de julho de 2010). <http://www.npr.org/templates/story/story.php?storyId=128116102>

Gourevitch, Phillip. *We Wish to Inform You That Tomorrow We Will be Killed with Our Families: Stories from Rwanda [Queremos Informar que Amanhã Seremos Mortos com Nossas Famílias: Histórias de Ruanda]*. Nova York: Farrar, Straus and Giroux, 1998.

Horowitz, Joseph. *Artists in Exile: How Refugees from 20th Century War and Revolution Transformed the American Performing Arts [Artistas no Exílio: Como Refugiados da Guerra e da Revolução do Século 20 Transformaram as Performáticas Americanas]*. Nova York: Harper Collins, 2008.

Jolie, Angelina. *Notes from My Travels: Visits with Refugees in Africa, Cambodia, Pakistan, and Ecuador [Diário das Minhas Viagens: Visitas a Refugiados na África, no Camboja, no Paquistão e no Equador]*. Nova York: Pocket Books, 2003.

Kase, Aaron e F.H. Rubino. “Refugees Settling in Philadelphia: Refugees seek new beginnings in the City of Brotherly Love” [“Refugiados se Estabelecem na Filadélfia: Refugiados Buscam Novo Começo na Cidade do Amor Fraternal”]. *Philadelphia Weekly* (2 de março de 2010). <http://www.philadelphiaweekly.com/news-and-opinion/cover-story/Refugees-settling-in-Philadelphia.html>

Kidder, Tracy. *Strength in What Remains: A Journey of Remembrance and Forgiveness [Força no que Resta: Jornada de Lembranças e Perdão]*. Nova York: Random House, 2009.

Kim, Mike. *Escaping North Korea: Defiance and Hope in the World's Most Repressive Country [Escapando da Coreia do Norte: Desafio e Esperança no País Mais Repressivo do Mundo]*. Lanham, Maryland: Rowman & Littlefield Publishers, Inc., 2008.

Marton, Kati. *The Great Escape: Nine Jews Who Fled Hitler and Changed the World [A Grande Fuga: Nove Judeus que Fugiram de Hitler e Mudaram o Mundo]*. Nova York: Simon & Schuster, 2006.

Ogata, Sadako. *The Turbulent Decade: Confronting the Refugee Crises of the 1990s [A Década Turbulenta: Enfrentando a Crise de Refugiados da Década de 1990]*. Nova York: W.W. Norton & Company, Inc., 2005.

Simple, Kirk. “Bhutan Refugees Find a Toehold in the Bronx” [“Refugiados do Butão Encontram Apoio no Bronx”]. *New York Times* (25 de setembro de 2009). http://www.nytimes.com/2009/09/25/nyregion/25bhutan.html?_r=1&fta=y

Ung, Luong. *First They Killed My Father: A Daughter of Cambodia Remembers [Primeiro Eles Mataram Meu Pai: Lembranças de Uma Filha do Camboja]*. Nova York: Harper Collins, 2000.

Wiesel, Elie. *A Noite*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

Recursos de políticas

Loescher, Gil. *Beyond Charity: International Cooperation and the Global Refugee Crisis [Além da Caridade: Cooperação Internacional e a Crise Global de Refugiados]*. Nova York: Oxford University Press, 1993.

Loescher, Gil e Ann Dull Loescher. *The Global Refugee Crisis: A Reference Handbook [A Crise Global de Refugiados: Manual de Referência]*. Santa Barbara, Califórnia: ABC-CLIO, 1994.

Loescher, Gil, James Milner, Edward Newman e Gary Troeller, orgs. *Protracted Refugee Situations: Political, Human Rights and Security Implications [Situações Prolongadas de Refugiados: Implicações Políticas, de Direitos Humanos e de Segurança]*. Tóquio, Japão: United Nations University Press, 2008.

Martin, Susan Forbes. *Refugee Women [Mulheres Refugiadas]*. Lanham, Maryland: Lexington Books, 2004.

Steiner, Niklaus, Mark Gibney e Gil Loescher, orgs. *Problems of Protection: The UNHCR, Refugees, and Human Rights [Problemas de Proteção: O Acnur, Refugiados e Direitos Humanos]*. Nova York: Routledge, 2003.

Relatos ficcionais

Díaz, Junot. *A Fantástica Vida Breve de Oscar Wao*. Rio de Janeiro: Record, 2009.

Eggers, Dave. *O Que É o Quê: Autobiografia de Valentino Achak Deng*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

Hosseini, Khaled. *O Caçador de Pipas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

Mengestu, Dinaw. *As Belas Coisas, que é do Céu Contê-las*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

Sites

Relatório ao Congresso sobre a Admissão de Refugiados 2010

Define os limites propostos para admissão de refugiados nos EUA em 2010 e o processo de admissões de refugiados nos Estados Unidos.

<http://www.whitehouse.gov/the-press-office/presidential-memoranda-93009>

Comitê Internacional da Cruz Vermelha (CICV)

Organização humanitária que presta assistência a vítimas de conflitos armados.

<http://www.icrc.org>

Organização Internacional para as Migrações (OIM)

Organização intergovernamental que trabalha com governos, organizações não governamentais e outros parceiros para prestar assistência a refugiados e pessoas deslocadas internamente.

<http://www.iom.int/jahia/jsp/index.jsp>

Alto Comissariado da ONU para Refugiados (Acnur)

O Acnur conduz e coordena esforços internacionais para proteger refugiados e ajudá-los a procurar asilo e assentamento.

<http://www.unhcr.org>

Veja também:

Alto Comissariado da ONU para Refugiados (Acnur):

The Global Appeal 2010-2011 [Apelo Global 2010-2011]

<http://www.unhcr.org/ga10/index.html>

Agência das Nações Unidas de Assistência aos

Refugiados da Palestina no Oriente Próximo (UNRWA)

Fornece proteção e assistência a palestinos nos Territórios Palestinos, no Líbano, na Jordânia e na Síria.

<http://www.unrwa.org/>

Bureau de População, Refugiados e Migração (PRM) do Departamento de Estado dos EUA

O PRM oferece soluções de ajuda sustentáveis para refugiados, vítimas de conflito e apátridas de todo o mundo, por meio de repatriação, integração local e reassentamento nos Estados Unidos. O PRM também promove as políticas populacionais de migração dos EUA.

<http://www.state.gov/g/prm/>

Estatísticas sobre Admissões de Refugiados nos EUA

Fatos e números sobre refugiados admitidos nos Estados Unidos pelo Programa de Admissão de Refugiados dos Estados Unidos (USRAP) por região.

<http://www.wrapsnet.org>

Filmografia

Neste Mundo (2002)

<http://www.imdb.com/title/tt0310154/>

Diretor: Michael Winterbottom

Sinopse: Jovens refugiados afegãos que vivem no Paquistão embarcam em uma jornada perigosa para procurar asilo em Londres.

Lost Boys of Sudan [Meninos Perdidos do Sudão] (2003)

<http://www.lostboysfilm.com/>

Diretor: Megan Mylan e Jon Shenk

Sinopse: O documentário acompanha dois refugiados sudaneses a caminho do Quênia e depois dos Estados Unidos. Vencedor do prêmio Independent Spirit Award e de duas indicações ao Emmy.

North Korea - Shadows and Whispers [Coreia do Norte – Sombras e Sussurros] (2000)

<http://www.journeyman.tv/8988/documentaries/shadows-and-whispers.html>

Diretor: Kim Jung-Eun

Sinopse: Filmado nas montanhas remotas do nordeste da China, esse documentário mostra as dificuldades enfrentadas pelos refugiados norte-coreanos que fogem para a China.

Rebuilding Hope [Reconstruindo a Esperança] (2009)

<http://www.rebuildinghopesudan.org/>

Diretor: Jen Marlowe

Sinopse: Acompanha a jornada de três refugiados sudaneses retornando para suas casas. O documentário mostra os refugiados reencontrando a família e os amigos e descobrindo como ajudar suas comunidades.

The Split Horn: Life of a Hmong Shaman in America

[Entre Dois Mundos: Vida de um Hmong Xamã nos EUA] (2001)

<http://www.pbs.org/splithorn/index.html>

Diretor: Taggart Siegel

Sinopse: Acompanha a vida do refugiado laosiano Paja Thao e de sua família nos Estados Unidos. Por mais de 17 anos, Siegel registrou a vida do xamã Paja Thao, sua mulher e seus 13 filhos.

War Child (2008)

<http://www.warchildmovie.com/>

Diretor: Christian Karim Chrobog

Sinopse: Documenta a história de Emmanuel Jal, ex-criança-soldado na guerra civil do Sudão. Jal é hoje uma estrela do hip hop que se dedica a divulgar mensagens de esperança e paz pela África.

O Departamento de Estado dos EUA não assume responsabilidade pelo conteúdo e disponibilidade dos recursos relacionados acima. Todos os links da internet estavam ativos em maio de 2010.

agora no facebook



ENGAJANDO O MUNDO



REVISTA MENSAL OFERECIDA
EM DIVERSOS IDIOMAS

<http://america.gov/publications/ejournalusa.html>

Departamento de Estado dos EUA, Bureau de Programas de Informações Internacionais